

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - RELAÇÕES PÚBLICAS

Ingrid Odete Fernandes Mathias

**Etnografia com o GatoMÍDIA:  
comunicação, tecnologia e aprendizado em REDE para a cidadania**

Santa Maria, RS  
2023

**Ingrid Odete Fernandes Mathias**

**Etnografia com o GatoMÍDIA:  
comunicação, tecnologia e aprendizado em REDE para a cidadania**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social – Relações Públicas, do Departamento de Ciências da Comunicação - Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Bacharela em Comunicação Social – Relações Públicas**.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Rúbia da Silva

Co-orientadora: M<sup>a</sup> Camila Rodrigues Pereira

Santa Maria, RS  
2023

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Ciências Sociais e Humanas  
Curso de Comunicação Social – Relações Públicas

A Comissão Examinadora abaixo assinada aprova a Monografia

**Etnografia com o GatoMÍDIA:  
comunicação, tecnologia e aprendizado em REDE para a cidadania**

Elaborada por

**Ingrid Odete Fernandes Mathias**

**Comissão examinadora**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sandra Rubia da Silva  
Orientadora (UFSM)

---

Me. Tarcízio Roberto da Silva

---

Ma. Carla Beatriz de David Ernesto

---

Mestranda Dulciana Sachetti  
(Membro suplente)

Santa Maria, 03 de fevereiro de 2023

## AGRADECIMENTOS

Agradeço,

As mulheres que dedicaram seu tempo para colaborar com a minha formação, Maria José, Soraya, Emanuella, Yasmin, Samanta, Juliana, Karina, Solange e Bianca, o tempo que passei e passo com vocês é carregado de aprendizados, serei eternamente grata;

Ao meu irmão que está sempre demonstrando seu orgulho por mim;

Ao quintal onde fui formada por essas mulheres, a ideia de coletividade começou ali e vai me acompanhar em todos os lugares que ocupar;

A assistência estudantil que possibilitou a permanência na Universidade Pública;

Aos grupos e coletivos que fiz parte durante os estudos;

As orientadoras que sempre acreditaram e confiaram na pesquisa, o apoio de vocês tornou a monografia possível;

Aos amigos que se fizeram presentes mesmo com a distância e aos amigos que Santa Maria me presenteou, sem vocês nada seria possível;

Aos participantes da pesquisa que dedicaram seu tempo para construir a monografia.

## RESUMO

O tema desta monografia são os estudos de comunicação e aprendizado em mídia e tecnologia para a cidadania, tendo como objeto de estudo a Rede GatoMÍDIA - que atua como uma Rede Agência e metodologia de aprendizado em mídia e tecnologia para jovens negros e negras, moradores de favelas do Brasil. Como problema a pesquisa busca responder quais as práticas comunicacionais são utilizadas pelo projeto GatoMÍDIA para o aprendizado em mídia e tecnologia de jovens negros e negras das periferias brasileiras. O objetivo geral se configura em compreender as práticas comunicacionais utilizadas pelo projeto GatoMÍDIA para o aprendizado em mídia e tecnologia de jovens negros e negras das periferias brasileiras. Os três objetivos específicos para atingir o objetivo geral, são: caracterizar as práticas comunicacionais e as narrativas empreendidas pelo projeto GatoMÍDIA; analisar quais contribuições o projeto GatoMÍDIA oferece para a educação para as mídias, no âmbito do aprendizado em rede; refletir sobre a importância do aprendizado em mídia e tecnologia para jovens negros e negras das periferias brasileiras exercerem a cidadania. O segundo capítulo, após a introdução, apresenta o GatoMÍDIA e suas formações e um referencial teórico sobre empoderamento, com os estudos de Berth (2019). O terceiro capítulo articula os conceitos sobre comunicação, mídia e tecnologia, utilizando os autores Silva (2019), Benjamim (2019), Silvio Almeida (2018) e Graciela Natansohn (2019). O quarto capítulo “Uma Etnografia com o GatoMÍDIA” é subdividido em três subcapítulos. A primeira subdivisão “Etnografia para a internet” utiliza as teorias de Hine (2015) e Travancas (2011). A segunda seção aborda as “Entrevistas em profundidade e observação participante”, a partir de referências como Duarte (2011) e Peruzzo (2011). Ao final do capítulo apresento as participantes e os participantes da pesquisa, para a análise dos dados no capítulo final. Como principais resultados, a análise desta pesquisa demonstra a importância que o aprendizado em mídia e tecnologia tem na vida de jovens pretos de periferias e como ela pode transformar visões e colaborar com a manutenção da cidadania. As práticas comunicacionais do GatoMÍDIA são afrocentradas e isso transforma o contato sobre o assunto técnico sobre tecnologia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação; Tecnologia; Cidadania; Aprendizado em rede; GatoMÍDIA.

## ABSTRACT

The theme of this monograph is the studies of communication and learning in media and technology for citizenship, having as object of study Rede GatoMÍDIA - which acts as an Agency Network and methodology of learning in media and technology for young black men and women, residents of favelas in Brazil. As a problem, the research seeks to answer which communication practices are used by the GatoMÍDIA project for learning in media and technology for young black men and women from the Brazilian peripheries. The overall objective is to understand the communication practices used by the GatoMÍDIA project for learning in media and technology for young black men and women from the Brazilian peripheries. The three specific objectives to achieve the general objective are: to characterize the communication practices and narratives undertaken by the GatoMÍDIA project; to analyze which contributions the GatoMÍDIA project offers to education for the media, in the context of networked learning; reflect on the importance of learning in media and technology for young black men and women from the Brazilian peripheries to exercise citizenship. The second chapter, after the introduction, presents GatoMÍDIA and its formations and a theoretical reference on empowerment, with the studies of Berth (2019). The third chapter articulates the concepts of communication, media and technology, using the authors Silva (2019), Benjamim (2019), Silvio Almeida (2018) and Graciela Natansohn (2019). The fourth chapter "An Ethnography with GatoMÍDIA" is subdivided into three subchapters. The first subdivision "Ethnography for the Internet" uses the theories of Hine (2015) and Travancas (2011). The second section addresses "In-depth interviews and participant observation", based on references such as Duarte (2011) and Peruzzo (2011). ). At the end of the chapter, I present the participants of the research, for the analysis of the data in the final chapter. As main results, the analysis of this research demonstrates the importance that learning in media and technology has in the lives of young black people from the periphery and how it can transform visions and collaborate with the maintenance of citizenship. GatoMÍDIA's communication practices are afrocentric and this transforms the contact on the technical subject about technology.

**KEY-WORDS:** Communication; Technology; Citizenship; Network learning; GatoMÍDIA.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Captura de tela do <i>Instagram</i> do GatoMÍDIA .....	57
--	----

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2. O GATO MÍDIA E O APRENDIZADO EM REDE.....</b>	<b>16</b>
2.1 GatoMÍDIA: os projetos e as REDES.....	16
<b>3. COMUNICAÇÃO, MÍDIA E TECNOLOGIA: UM OLHAR PARA OUTROS FUTUROS COM VIÉS RACIAL.....</b>	<b>27</b>
<b>4. UMA ETNOGRAFIA COM O GATOMÍDIA.....</b>	<b>36</b>
4.1 Etnografia para a internet.....	36
4.2 Entrevistas em profundidade e observação participante.....	40
4.3 Apresentação dos e das participantes da pesquisa.....	42
<b>5. ANÁLISE.....</b>	<b>47</b>
5.1 Tecnologia: acesso e experiências.....	47
5.2 Aprendizado em rede como possibilitador de acesso ao conhecimento.....	52
5.3 Percepção do posicionamento comunicacional do GatoMÍDIA.....	56
5.4 Práticas comunicacionais do GatoMÍDIA.....	58
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>63</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>65</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>68</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Em artigo publicado na Agência Lupa, a primeira especializada em *fact-checking* do Brasil, no dia 20 de novembro em 2019, o percentual da população Brasileira que se autodeclara negra, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é 56,10%. O país contém 209,2 milhões de habitantes, 19,2 milhões se constituem por pretos e 89,7 milhões pardos (LUPA, 2019).

No artigo 1º inciso V do Estatuto de Igualdade Racial, os negros, são o “conjunto de pessoas que se autodeclararam pretas e pardas, conforme o quesito cor ou raça usado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)” (BRASIL, Lei 12.288/10. Estatuto da Igualdade Racial. Brasília, DF: Presidência da República, 2010). Os negros e negras, da sociedade brasileira caracterizam a maioria da população, no entanto, a representação dessas pessoas em setores da sociedade como ensino superior e cargos de chefia não são equivalentes a porcentagem. Os dados do último Índice de Inclusão Racial Empresarial (IIRE) revelaram a ocupação dos negros em 4,7% dos quadros de executivos e 6,3% nos cargos de gerência (CORREIO BRAZILIENSE).

A PretaLab, iniciativa do Olabi<sup>1</sup> lançada em março de 2017, com o objetivo de “estimular a inclusão de meninas e mulheres negras e indígenas no universo das novas tecnologias” (PRETALAB), coletou e organizou dados de estudos e pesquisas, junto a ThoughtWorks<sup>2</sup>, que busca evidenciar a situação das mulheres negras no mercado de trabalho brasileiro, para entender a diversidade que os profissionais de tecnologia têm no país, resultando na pesquisa #QUEM CODABR<sup>3</sup>. A pesquisa realizada entre novembro de 2018 e março de 2019 retratou dados sobre a representação dos profissionais de tecnologia no Brasil. “Segundo a pesquisa, as pessoas que trabalham em tecnologia no país são, principalmente:

---

<sup>1</sup> Organização social que trabalha para democratizar a produção da tecnologia (PRETALAB).

<sup>2</sup> Consultoria global de tecnologia que integra estratégia, design e engenharia de software para habilitar empresas e organizações disruptivas em todo o mundo a prosperar como negócios digitais modernos (THOUGHTWORKS).

<sup>3</sup> Dados disponibilizados no site <<https://gente.globo.com/estudo-quem-coda-br/>> Acesso em 05/08/2021.

homens, brancos, jovens de classe sócio-econômica média e alta que começaram a sua trajetória nos centros formais de ensino" (PRETALAB). 68% dos profissionais na tecnologia são homens e 31% mulheres, com o viés racial aplicado 58,3% são brancos e 36,9% pretos.

Com os dados indicados, é possível ter suporte para afirmar a importância das ações do objeto de estudo, o GatoMÍDIA - que atua como uma agência e rede de aprendizado em mídia e tecnologia para jovens negros e negras, moradores de favelas e periferias do Brasil -, e da temática desta monografia, que contempla os estudos de comunicação e aprendizado em mídia e tecnologia para a cidadania.

Desde o início da graduação sempre realizei os trabalhos das disciplinas com o olhar crítico racial, social e econômico; tinha isso como dever social por estar ocupando um espaço do saber. A consciência do dever social entrou comigo na universidade pública e no fim da graduação tenho a honra de construir uma pesquisa com importância, originalidade e a visibilidade de narrativas negras e periféricas brasileiras.

O lugar de fala que ocupo na sociedade incentiva a realização desta pesquisa, pois enquanto mulher, negra, lésbica, moradora da periferia, estudante de Relações Públicas e participante do “Laboratório Comunicadores do Futuro” do projeto GatoMÍDIA, no primeiro semestre de 2020, desenvolver uma pesquisa que aborda “Comunicação e Aprendizado em Mídia e Tecnologia para a Cidadania” move a minha atuação de ação pessoal e coletiva com o compromisso social nos espaços que ocupo.

O problema de pesquisa da monografia é desenvolvido a partir da questão: Quais as práticas comunicacionais são utilizadas pelo projeto GatoMÍDIA para o aprendizado em mídia e tecnologia de jovens negros e negras das periferias brasileiras? Para responder a problemática, o objetivo geral se configura em Compreender as práticas comunicacionais utilizadas pelo projeto GatoMIDIA para o aprendizado em mídia e tecnologia de jovens negros e negras das periferias brasileiras. Os três objetivos específicos são: a) Identificar e caracterizar as práticas comunicacionais e as narrativas empreendidas pelo projeto GatoMÍDIA; b) Analisar quais contribuições o projeto GatoMÍDIA oferece para a educação para as mídias, no âmbito do aprendizado em rede; c) Refletir sobre a importância do aprendizado

em mídia e tecnologia para jovens negros e negras das periferias brasileiras exercerem a cidadania.

A promoção de formação cidadã sobre direitos humanos pode ser feita por meio da educação midiática e tecnológica, se transformando essencial para a plena cidadania (SILVA, 2020). O projeto GatoMÍDIA atua criando espaços de transformação social que as empresas de tecnologia e o estado não constituem, por essa razão o tema “Comunicação e aprendizado em mídia e tecnologia para a cidadania” será trabalhado aqui. A Comunicação e aprendizado em mídia e tecnologia oferece ao jovem autonomia de criação, podendo colocar no seu conteúdo a sua visão de mundo, retratando assuntos de interesse pessoal que tenham impactos coletivos em sua comunidade. Rompendo com a cultura de produção hegemônica e promovendo produções afrocentradas. O racismo epistêmico é combatido com a pesquisa, ao desenvolver o saber popular da população negra.

A justificativa social para a pesquisa, se sustenta com o argumento da comunicação ser um direito humano, mesmo sendo um conceito em construção esse trabalho tem isso como norma. A comunicação possibilita o acesso a outros direitos como o da informação, educação e trabalho, o objeto de estudo da pesquisa exemplifica isso, com as ações do GatoMÍDIA o jovem negro ou negra participante tem acesso ao aprendizado para futuramente ingressar no mercado de trabalho qualificado e com pensamento crítico.

Como justificativa acadêmica e científica, a realização da pesquisa assegura a pluralidade das vozes da sociedade, em um trabalho acadêmico, além de contribuir com futuros estudos sobre a mídia e tecnologia para a cidadania. Na academia a utilização de autores negros e negras em trabalhos científicos é escassa, impossibilitando a diversidade do conhecimento e a representatividade de acadêmicos negros e negras. Nesse sentido, a presente monografia será construída com base na raça e classe, assegurando a presença de autoras e autores negros para o diálogo sobre mídia e tecnologia para a cidadania.

Para compreender um pouco mais sobre as pesquisas que estão sendo realizadas a partir da temática da pesquisa foi realizado estado da arte. O estado da arte partiu de uma pesquisa exploratória, em uma busca no *Google Acadêmico*, dividida em três etapas. Na primeira etapa, a frase colocada na barra de pesquisa

do *Google Acadêmico* foi “aprendizado em mídia e tecnologia para a cidadania”, com essa frase 64.700 mil trabalhos foram encontrados. Os trabalhos das cinco primeiras páginas foram observados e apenas dois foram selecionados para compor o estado da arte.

O primeiro intitula-se “A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA EDUCAÇÃO: análise a partir da perspectiva do ensino-aprendizagem no mundo ciber”, das autoras Alícia Macedo Santana; Clécia Lima Ferreira; Letícia Barbosa Goís e do autor Marlton Fontes Mota, publicado em 2020, nos melhores textos submetidos ao II Encontro Regional Norte-Nordeste da ABCiber. O artigo está presente no estado da arte por apresentar a importância de olhar para a realidade cultural, comunicacional das relações interpessoais no mundo e formação territorial cibernética para pensar o ensino e aprendizagem.

O segundo trabalho é a dissertação de Mestrado em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, “Quitungo, mídia e cidadania: a política de ‘mídia e educação’ da prefeitura do Rio de Janeiro em uma perspectiva discursiva e comunitária”, do autor Carlos André Cantisani Maranhão, publicado em 2007. A dissertação visualiza as interações sociais com a mídia como possibilidade de educação para a “cidadania plena”. O referencial teórico do trabalho chamou atenção por trabalhar com autores como Habermas, Paulo Freire, Cicilia Peruzzo, Muniz Sodré e Ismar Soares - que também fazem parte do marco teórico desta monografia.

A segunda etapa da pesquisa para o estado da arte girou em torno da palavra-chave “GatoMídia”, com busca no *Google Acadêmico*, apareceram três páginas de trabalhos, somando vinte e quatro trabalhos. Desses foram selecionados quatro para o estado da arte, apoiando a compreensão sobre como o GatoMÍDIA está sendo comunicado no campo acadêmico. Com a pesquisa exploratória foi possível perceber que o objeto de pesquisa conta com palavras como tecnologia e representação na sua essência, pois os trabalhos selecionados abordam discussões que perpassam esses temas.

“Complexo é ter Identidade: A experiência do GatoMídia no Favelado 2”, é o primeiro trabalho desta etapa, artigo publicado, em 2017, no Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (ENECULT), tendo como autor Natã Neves do

Nascimento. A relevância do artigo para compor o estado da arte está presente no lugar de fala do autor e na presença da exposição do objeto de estudo.

As autoras Dulcilei C. Lima e Taís Oliveira estão presentes no estado da arte com o artigo publicado em 2020, “Negras in tech: apropriação de tecnologias por mulheres negras como estratégias de resistência”, no dossiê tecnopolíticas de gênero. O GatoMÍDIA aparece sendo uma das quinze páginas de *Facebook* dos projetos selecionados, onde se aplicou a Análise de Redes Sociais na Internet (ARS) para compreender a apropriação de tecnologias por mulheres negras como estratégias de resistência.

O terceiro trabalho é a tese da Cecília Gerhardt Burtet, “(Re)Pensando A Inovação E O Conceito De Inovação Inclusiva: Um Estudo Do Movimento Maker No Brasil À Luz Da Teoria Ator-rede”, defendida em 2019 na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. A tese foi escolhida por desenvolver o conceito de rede enquanto movimento, a autora utiliza a teoria ator-rede para atingir o objetivo de compreender como o conceito de inovação, especialmente o de inovação inclusiva, pode ser ressignificado por meio da análise do movimento maker no Brasil.

Para finalizar a segunda etapa, o quarto trabalho apresentado é o “Entre Silêncios E Protestos: Uma Reflexão Sobre Escrita Preta No Ciberespaço” da autora Jessica Mara Raul, publicado em 2019, na “Revista Docência e Cibercultura”. O artigo aplica uma pesquisa qualitativa pela internet, com o objetivo de analisar a utilização das redes sociais, para verificar as “pedagogias negras”. O olhar racializado da pesquisa foi o motivo principal para escolher o trabalho como participante do estado da arte da monografia.

Em uma terceira etapa de pesquisa, utilizamos as palavras-chave “Comunicação; Aprendizado em rede; Tecnologia; Cidadania; GatoMÍDIA” para a realização da busca no *Google Acadêmico*. Foi encontrada uma página de trabalhos, os quais, a maior parte, já havia encontrado a partir das buscas anteriores. Dessa forma, fica evidente que a presente pesquisa possui um lugar de importância social e acadêmica, pois os trabalhos encontrados no estado da arte não articulam tecnologia, mídia, raça e classe social para a cidadania. As pesquisas encontradas também não utilizam da interseccionalidade para análise, esta monografia utiliza desse conceito para expor dados e reflexões.

A presente pesquisa está dividida em três capítulos teóricos (sendo o último deles teórico-metodológico), exibidos após a introdução do trabalho. O segundo capítulo “O GatoMÍDIA e o Aprendizado em REDE” apresenta o objeto de estudo da monografia e suas formações, laboratórios e residências, com base nos textos do Site, perfil do *Instagram* e *Twitter* oficiais da REDE GatoMÍDIA, utilizando de Berth (2019), para conceituar empoderamento como emancipação política e social.

O terceiro capítulo teórico “Comunicação, Mídia e Tecnologia” é construído a partir dos estudos de Ruha Benjamin (2019), com o livro *‘Race After Technology: Abolitionist Tools for the New Jim Code’*; Tarcízio Silva (2019), a partir da obra *‘Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: microagressões e discriminação em código’*; Silvio Almeida (2018), com o livro *‘O que é racismo estrutural?’*; e Graciela Natansohn (2019), com o texto *‘Para uma internet feminista, descolonizar internet é urgente’*.

O quarto capítulo “Uma Etnografia com o GatoMÍDIA” é subdividido em três subcapítulos. A primeira subdivisão “Etnografia para a internet” expõe a entrada no campo e o fazer etnográfico na internet. As teorias utilizadas para sustentar o capítulo foram Hine (2015) e Travancas (2011). Em uma segunda seção do capítulo abordo as “Entrevistas em profundidade e observação participante”, a partir de referências como Duarte (2011) e Peruzzo (2011). Ao final do capítulo apresento as participantes e os participantes da pesquisa, para posteriormente, no capítulo final da monografia, analisar os dados que foram produzidos.

A etnografia foi escolhida por seu caráter de análise em descrição densa, pensando na importância de um estudo com pesquisa de campo e estudo descritivo de aspectos sociais e culturais de um grupo social (TRAVANCAS, 2011). Apesar de ter um histórico de violência epistêmica e colonial, a etnografia, cada vez mais, vem sendo pensada a partir de abordagens colaborativas e com perspectivas decoloniais, se preocupando com a devolução da pesquisa para o campo e respeitando o lugar de fala e o espaço das pessoas envolvidas na pesquisa.

A entrada no campo de pesquisa, de maneira informal, se deu em agosto de 2020, quando fui participante do “Laboratório Comunicadores do Futuro” da Rede GatoMÍDIA. Como pesquisadora, o início da observação participante nas redes sociais - redes oficiais do GatoMÍDIA e grupos do *WhatsApp* - teve início em maio de 2021 e teve a duração de sete meses. As entrevistas em profundidade foram

feitas com roteiros semi-estruturados, com o coordenador pedagógico do GatoMÍDIA, João Araió, e com sete participantes das formações, jovens de diferentes periferias brasileiras.

## 2. O GATO MÍDIA E O APRENDIZADO EM REDE

Este capítulo apresenta o objeto de estudo da pesquisa, o GatoMÍDIA, contextualizando suas ações com o conceito de empoderamento Berth (2019). Para maior aproximação das narrativas que constroem o projeto, foi realizada uma transcrição da entrevista com a coordenadora e fundadora do GatoMÍDIA concedida a conta do *Twitter* oficial da Campanha de Ação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU).

### 2.1 GatoMÍDIA: os projetos e as REDES

O GatoMÍDIA, “tem como objetivo estimular jovens, negros e mulheres a produzir sua própria comunicação, contando outras histórias e se conectando com o Mundo” (GATOMÍDIA). Além de “pulverizar conhecimento e preparar jovens para o mercado de trabalho, o projeto os estimula a recriar suas realidades e almejar futuros melhores, voltando os olhos para a ancestralidade” (GATOMÍDIA).

Thamyra Thâmara, Jornalista, Roterista, Produtora de Narrativas 360º/ Cinema 360º e Coordenadora geral do GatoMÍDIA, define o projeto, em uma entrevista no ano de 2020, como “Um espaço de aprendizado em mídia e tecnologias, voltado para jovens negros de favelas do Rio de Janeiro”. Na bio do *Twitter* o projeto se apresenta como “Agencia e rede de aprendizado em mídia e tecnologia para jovens negros e moradores de favelas”.

O GatoMÍDIA conta com uma rede que passa dos 130 colaboradores, atuando desde 2013 no Complexo do Alemão, um conjunto de 14 favelas, com uma população de mais de 240 mil habitantes. O espaço de aprendizagem que a fundadora do projeto relata, em entrevista, reflete sobre qual o papel ocupado pelos comunicadores e criadores de imagem, para o futuro que está sendo construído hoje no presente. A fundadora do GatoMÍDIA levanta questões em entrevista concedida a conta do *Twitter* oficial da Campanha de Ação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU): que imagem comunicacional está sendo construída? Quem está construindo imagem sobre quem?

O projeto divide seu pessoal, no site, em duas categorias: Equipe e Rede de Educadores. A Equipe é formada por três mulheres e dois homens negros, suas ocupações são: Fundadora e coordenadora de metodologias, Coordenador pedagógico, Curadora de novas tecnologias, Coordenadora de produção e cientista de dados, Produtor de narrativas imersivas e cineasta. A Rede de Educadores é formada por quatorze mulheres, sendo elas não brancas e sete homens, em sua maioria negros (GatoMÍDIA).

O GatoMÍDIA atua em duas frentes, a primeira de aprendizado, com a experimentação, inspiração, prática e criação e a segunda através da oportunidade construída a partir da agência de comunicação com foco nas classes C e D, o projeto quebra o código da comunicação e tecnologia existente e proporciona a acessibilidade entre os jovens negros a essas tecnologias, além de possibilitar o ingresso, desses jovens, no mercado de trabalho. O GatoMÍDIA opera nas áreas de tecnologia, inovação e comunicação.

Os espaços de aprendizagens são divididos em cinco projetos, sendo eles o Residência Favelado 2.0 - Construindo Gambiarras para o Futuro, onde vinte jovens selecionados participam de rodas de conversas sobre fotografia e produção de vídeo com o celular, roteiro para programa no *YouTube*, construção de texto criativo, ativismo na web, cobertura colaborativa, social mídia, hackeando o *Facebook* e preparação para pitch de projetos (GatoMÍDIA). O produto final, da última residência, foi o documentário coletivo 'Quem São os Makers da Favela?', "sobre inovação social a partir da perspectiva da favela como um território fértil e capaz de produzir soluções criativas para os problemas da cidade" (GatoMÍDIA).

Já a experiência de aprendizagem Residência Favelada 2.0 - Construindo Gambiarras para o Futuro, oferece formação em mídia e tecnologia, com o tema central na representatividade das mulheres, produzindo e consumindo essas ciências. No decorrer de duas semanas, quinze mulheres selecionadas são convidadas a aprender e construir, nas oficinas de "processos criativos, métricas de redes sociais, ferramentas de criação, gestão de canal no *YouTube* e design gráfico" (GatoMÍDIA).

Ao final do processo de aprendizagem, as residentes elaboram uma campanha de publicidade afirmativa nas redes sociais, com o objetivo de "visibilizar e estimular a presença das mulheres na tecnologia" (GatoMÍDIA). O teaser 'Afinal, o

que é tecnologia para a mulher da favela?', foi a última produção coletiva realizada, temas como gambiarra, sevirologia e o conceito de tecnologia da sobrevivência, foram levantados na execução do trabalho.

Já o projeto Bateu Uma Onda Forte tem o objetivo de desenvolver a criatividade para empreender. São oferecidas "mentorias em processos de criatividade, comunicação, gestão de projetos, criação, auto performance, autoconhecimento, autogestão e empreendedorismo" (GatoMÍDIA<sup>4</sup>). Os participantes estudam a aplicação de suas ideias de forma metodológica, para realizar projetos e negócios que tenham como público alvo a classe C e D.

Residência WAGIKISA é um projeto que busca "potencializar os corpos de mulheres, negros, LGBTQIA+ e periféricos por meio das tecnologias" (GATOMÍDIA). O curso central de aprendizado é o de programação, onde é possível entender a linguagem dos computadores e aprender a criar aplicativos e jogos. A residência passa por três etapas, a primeira intitulada "O corpo é tecnologia", com oficinas de processos criativos, ancestralidade, auto cuidado, corpo e memória. A segunda, "A cabeça é o nosso software", nesta etapa inicia o aprendizado em programação com conhecimentos de python, construct 2 e scratch. E por fim, a última etapa "Faça você mesmo", constituindo o momento de aplicar as tecnologias e criar o projeto para potencializar, visibilizar e subverter (GATOMÍDIA).

O Laboratório Afrofuturista, outro projeto, conta com duas edições atualmente, a primeira em 2018 tendo como finalidade a produção coletiva de três vídeos em 360°, "Afrodimensional", "Afrofunk" e "Água Santa". E a segunda edição, realizada em 2019, com a execução do "Tutorial Imersivo de Narrativas em Audiovisual 360° e Realidade Virtual". O Laboratório surgiu da demanda de colaborar para "diminuir as desigualdades enfrentadas pela população negra, moradora de favela, por meio do aprendizado em realidade virtual e vídeo em 360°" (GatoMÍDIA).

O objetivo geral do Laboratório Afrofuturista é garantir a diversidade de vozes e narrativas sobre a população negra e pobre das periferias recriando mundos, a partir da estética afrofuturista. Dentro das intenções específicas que o projeto pretende alcançar estão:

---

<sup>4</sup> <https://gatomidia.com/bateu-uma-onda-forte/>

a garantia da possibilidade de outras vozes e narrativas sobre a população negra das periferias; potencializar a criação artística e política de comunicadores negros através da valorização da cultura, história e filosofia negra; ampliar o repertório e acesso a ferramentas para que jovens negros possam produzir sua comunicação, rede e networking; fortalecer a entrada de mulheres, pessoas negras e coletivos periféricos no mercado da comunicação e do audiovisual, gerando renda e autonomia para essa parcela da população (GatoMÍDIA).

No primeiro semestre de 2020 o GatoMÍDIA publicou, em sua página do *Instagram*, um *card* indicando a abertura das inscrições para o Laboratório Comunicadores do Futuro, convidando jornalistas, ativistas, movimentos sociais, cineastas e artistas, negros e negras moradores de espaços populares, engajados com reparação racial, equidade de gênero, equidade socioeconômico e democracia para se inscreverem (*Instagram GatoMÍDIA*, 2020<sup>5</sup>).

A capacitação em produção de narrativas 360º que o Laboratório “estimula a produção de narrativas audiovisuais, jornalísticas e artísticas que tenham compromisso com reparação racial, equidade de gênero, equidade socioeconômica e democracia” (GatoMÍDIA). A estética afrofuturista<sup>6</sup>, é utilizada no laboratório, para recriar outros mundos e garantir a possibilidade de outras vozes e narrativas no campo do jornalismo, do audiovisual e das artes (GatoMÍDIA), formulando os principais objetivos do Laboratório Comunicadores do Futuro.

A colaboração para o fortalecimento da pluralidade e de espaço de aprendizado em rede é exposto no site do GatoMÍDIA como necessário, para fomentar a diversidade e a diferença nas principais áreas de atuação dos jovens profissionais de comunicação e de mídias digitais, constituindo autonomia e consciência crítica com foco na mudança da “estrutura, estética, aplicações e utilizações das novas tecnologias digitais e virtuais” (GatoMÍDIA, 2021). A conscientização do protagonismo de jovens negros e negras, que sofrem com os problemas sociais da sociedade, para a equipe do GatoMÍDIA, é essencial, pois “a mídia corporativa, a ciência e a tecnologia não são neutras e refletem os interesses de uma sociedade profundamente racista e elitista” (GatoMÍDIA, 2021).

---

<sup>5</sup> <https://www.instagram.com/p/CFAhhfhpIVX/>

<sup>6</sup> Movimento que combina elementos de ficção científica e histórica, fantasia, arte africana e da diáspora, afrocentrismo e realismo mágico com cosmologias não-ocidentais para criticar os dilemas atuais de populações negras e racializadas.

A linguagem do futuro apresentada pelo projeto contém “as tecnologias imersivas e o universo da criação de conteúdo digital, produção e análise de dados e desenvolvimento de algoritmos” (GatoMÍDIA, 2021). Por esse motivo a ação do laboratório tem como meta diversificar o acesso e produção “a comunicação e as novas tecnologias da informação [...] constituindo parte do processo democrático” (GatoMÍDIA, 2021). Além de democratizar o acesso a essas tecnologias, o laboratório tem como objetivo colocar em disputa princípios que beneficiam a cultura ocidental hegemônica, com estrutura colonizadora, escravocrata e patriarcal “que sequestrou o legado da filosofia, ciência e tecnologia dos povos ancestrais” (GatoMÍDIA, 2021).

Aplicando e atualizando a estética afrofuturista, buscamos o fortalecimento do aprendizado construído em redes de afeto e pertencimento, dos saberes compartilhados em comunidade, seja no território ou no ciberespaço, baseados no pleno exercício da autonomia, da autoafirmação e da autorrepresentação de populações tradicionais, negras, periféricas e LGBTQIA+ (GATOMÍDIA).

A estrutura e metodologia da primeira fase do Laboratório Comunicadores do Futuro foi pensada para ser presencial, os laboratórios feitos até 2020 contemplavam os jovens negros e negras de favelas e periferias do Rio de Janeiro e região metropolitana, com expansão prevista para São Paulo e Salvador. A realização do projeto foi reformulada para o formato on-line devido ao contexto da pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2). O projeto enfrentou “desafios e a necessidade de abertura de novos horizontes, de gerar potência a partir do que temos, superando as limitações e a escassez” (GATOMÍDIA). A China informou a Organização Mundial da Saúde (OMS) no dia 31 de dezembro de 2019 sobre a transmissão de Covid-19. A OMS, depois da reunião com o Comitê de Emergência, anunciou Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional em 30 de janeiro de 2020 e pandemia em 11 de março de 2020 (OMS, 2020). O Brasil, por sua vez, declarou Emergência de Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) por Covid-19 em 3 de fevereiro de 2020 (BRASIL, 2020)” (RODRIGUES; CAVALCANTE; FAERSTEIN, 2020). A pandemia modificou a forma de execução das práticas feitas presencialmente, pois o isolamento e distanciamento social foi adotado para conter a transmissão do vírus. O primeiro desafio foi a mudança de

alcance, formato e metodologia do projeto. A equipe do projeto trabalhou para atender as dificuldades ocasionadas pelas barreiras e distâncias físicas, geográficas e afetivas, potencializando a conexão da rede GatoMÍDIA com seus participantes, dentro do ciberespaço. Por meio do incentivo da percepção e reflexão sobre o espaço virtual, o projeto trabalha para mostrar “a ligação entre corpo e tecnologia para pensar o ciberespaço como um espaço complementar do território, onde podemos projetar algumas utopias realizáveis” (GatoMÍDIA, 2021).

A viabilidade de criar redes de apoio e aprendizagem, originários de diferentes territórios espalhados pelo país, foi apresentado pelo projeto como uma utopia buscada desde o início, a utopia se fortaleceu, com o alcance de todas as regiões do Brasil, periferias de outros centros urbanos, localidades rurais, quilombos, assentamentos, acampamentos agrários, espaços coletivos e comunidades tradicionais. Esses territórios, tiveram a possibilidade de se conectar e gerar troca de saberes e vivências no Laboratório (GatoMÍDIA, 2021).

O laboratório alcançou o objetivo de “gerar novas leituras sobre que tipo de narrativas estão sendo produzidas sobre os territórios e que narrativas precisam existir a partir de uma arqueologia dos legados ancestrais que constituem tais territórios no presente [...] seguindo suas raízes até o presente para projetar futuros” (GatoMÍDIA, 2021). Os participantes do laboratório experienciaram essa nova forma de leitura com a elaboração de um mapa afetivo e o acesso aos elementos da linguagem afrofuturista e como aplicá-los em narrativas imersivas (GatoMÍDIA, 2021). Os encontros, para a equipe do GatoMÍDIA, eram constituídos como:

Um momento de acolhimento, de atenção aos corpos e autocuidado através de exercícios de respiração, concentração e relaxamento, bem como um espaço de escuta, onde todos tiveram a oportunidade de compartilhar a realidade de seus territórios, suas inquietações e processos criativos.

O primeiro laboratório ministrado no cenário de pandemia e com formato de curso online teve como resultado a criação de roteiros para narrativas imersivas e interativas. As ideias foram apresentadas em formato de *pitching* (processo de análise e seleção de projetos de realização audiovisual). Os participantes fizeram a exposição de suas criações narrativas e receberam o *feedback* dos professores e demais participantes.

Com o percorrer da primeira fase do Laboratório Comunicadores do Futuro, a equipe do GatoMÍDIA percebeu a necessidade de repensar “o alcance, formato, metodologia e conteúdos dos cursos e encontros para compensar as dificuldades geradas pelas barreiras e distâncias físicas, geográficas e afetivas” (GatoMÍDIA, 2021). A percepção e revelação das implicações, do caminho para a desconstrução do ambiente digital e virtual como caminho natural a se trilhar dentro e fora do ciberespaço, ocorreu graças à primeira fase do laboratório (GatoMÍDIA, 2021). A segunda fase do laboratório foi dividida em duas turmas, a primeira de “Produção e Conteúdo Digital”, onde foram ministrados cursos de:

Criação de conteúdo digital, os jovens puderam visualizar como diferentes alternativas de construir e cultivar redes, multiplicando o alcance e envolvimento no ambiente virtual, pode potencializar agendas que combatem o racismo, o extermínio da população negra, a LGBTfobia e a precarização do trabalho de pessoas negras, racializadas e periféricas (GatoMÍDIA, 2021).

Em texto publicado no site do projeto é destacado que a identificação e localização em relação aos debates realizados ocorreu por meio do reflexo das vivências dos participantes nos conteúdos produzidos e difundidos em suas redes (GatoMÍDIA, 2021). No curso de “Introdução a Lógica de Algoritmos” os assuntos tratados foram, sobre a “investigação de como algoritmos e dados são organizados e como afetam em diferentes níveis, compreendendo que códigos e algoritmos não são neutros, pois são concebidos a partir do lugar, visão e percepção de quem os programou” (GatoMÍDIA, 2021).

A segunda fase do Laboratório Comunicadores do Futuro recebeu 380 inscritos e 67 foram selecionados (*Instagram* GatoMÍDIA, 2020). Os participantes mergulharam no exercício para a consciência, sobre como funcionam as ferramentas que auxiliam a olhar conexões não visíveis no mundo físico, mas que afetam diretamente o cotidiano e como controlar e navegar com informação e empoderamento no ciberespaço (GatoMÍDIA, 2021). A teoria do empoderamento é apresentada no livro "empoderamento" de Joice Berth (2019), tendo como precursor Paulo Freire, com a teoria da conscientização. Joice expõe um trecho de Freire, em que destaca a importância da libertação ser um ato social, se o sentimento de liberdade não for social, capaz de transformar a sociedade, o exercício da liberdade

é individualista, a transformação social necessita, também, da percepção crítica da realidade, a conscientização é social e coletiva (BERTH, 2019).

Dialogar a teoria do empoderamento com as ações do GatoMÍDIA é essencial para entender a transformação social que o projeto trabalha junto de seus participantes, pois o projeto pensa em caminhos de reconstrução das bases sociopolíticas, rompendo com a produção de conteúdo hegemônica (BERTH, 2019), entretanto é importante destacar que o “empoderamento é um processo e não um fim em si mesmo” (BERTH, 2019, p. 46). O empoderamento, segundo Berth (2019, p.42) “é a continuidade do processo que garantirá que essa existência pleiteada pelo lugar de fala se desenvolva de maneira plena e eficiente nas ações para a emancipação possível de mulheres negras e de outros sujeitos sociais oprimidos”. A autora ainda afirma que “empoderamento é instrumento de emancipação política e social” (BERTH, 2019, P. 18). Berth entende a aliança entre conscientizar-se criticamente e transformar na prática como ação revolucionária e compreende que “os oprimidos devem empoderar-se entre si [...] o empoderamento tem a contestação e o novo no seu âmago, revelando, quando presente, uma realidade sequer antes imaginada. É, sem dúvidas, uma verdadeira ponte para o futuro” (BERTH, 2019, p. 19).

O aprendizado adquirido no laboratório “é o entendimento de forma orgânica como a lógica opera na prática e como se baseia em estruturas que nos são mais familiares do que imaginamos” (GATOMÍDIA). Com os encontros os alunos e professores perceberam que mesmo com os desafios e limitações é possível enfrentar o “estigma do embranquecimento, elitização e monopolização de conhecimentos, tecnologias e dispositivos que alimentam o universo profissional e acadêmico das áreas de programação e análise de dados complexos” (GATOMÍDIA).

Em entrevista concedida a conta do *Twitter* oficial da Campanha de Ação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU), Thamyra Thâmara, fala sobre “comunicação do futuro a partir de narrativas anticoloniais” (legenda da entrevista na página oficial do GatoMÍDIA, 2020)<sup>7</sup>. Thamyra conta sobre os cursos e ações da REDE GatoMÍDIA, são eles: curso de programação, produção de *YouTube*, escrita criativa, introdução a

<sup>7</sup> <https://twitter.com/SDGaction/status/1322194945554452481>

algoritmos, laboratório comunicadores do futuro, narrativas em 360 e projeção mapeada, antes oferecidos para o Rio de Janeiro e em 2020, com o mundo em pandemia, jovens negros de 14 a 29 anos que sejam moradores de comunidades periféricas, podem se inscrever para participar da REDE de aprendizados em mídia e tecnologia do GatoMÍDIA.

Desde 2013 a Equipe do GatoMÍDIA tem feito cursos de produção focados no audiovisual, nas redes sociais, escrita criativa e depois programação e narrativas 360. São ofertadas oficinas gratuitas que tem o foco de alcançar jovens negros de 14 a 29 anos que sejam moradores de periferia de comunidades. A equidade de gênero é pensada na formação das turmas, para a diversidade LGBTQIA+ e a racial, além da formação e dos cursos, cada turma produz algo, que fica pra internet e para REDE, seja um filme, game, texto, as pessoas que passam pelas turmas produzem um conteúdo final (THÂMARA, Thamira entrevista concedida a Campanha de Ação ODS da ONU, Out 2020).

<sup>8</sup>O projeto surgiu e é importante por acreditar que a tecnologia não é neutra, o algoritmo não é neutro, e quem está construindo o algoritmo e produzindo a tecnologia, por trás da máquina, são homens, héteros, brancos da elite em sua maioria. Olhando para esse contexto, a missão do projeto é democratizar o acesso à produção da tecnologia a partir de diferentes olhares e olhares diversos (THÂMARA, Thamira entrevista concedida a Campanha de Ação ODS da ONU, Out 2020). Com o mundo cada vez mais virtualizado, democratizar o acesso a tecnologia é possibilitar a participação ativa de grupos e vivências contra hegemônicas, colocando em diálogo a pluralidade da sociedade.

Em 2017, o GatoMÍDIA realizou com *AL Jaazera*, uma empresa de comunicação e com a *contrast VR*, onde receberam treinamento de produção em 360. Desde o treinamento o projeto ampliou e tomou outro direcionamento, desde então estão no quarto laboratório de produção de narrativas 360, no ano da pandemia o curso foi todo online e foi aberto para jovens negros, mulheres, trans, travestis, do Brasil inteiro. Foram mais de 700 pessoas inscritas. O projeto alcançou as populações indígenas, quilombolas, assentamentos, centros urbanos e rurais, no total foram quatro turmas ofertadas (THÂMARA, Thamira entrevista concedida a Campanha de Ação ODS da ONU, Out 2020).

---

<sup>8</sup> <https://twitter.com/SDGaction/status/1322194945554452481>

Nesta mesma entrevista, concedida a conta do *Twitter* oficial da Campanha de Ação ODS da ONU, Thamyra evidencia que as pessoas que participaram dos laboratórios entendem que a realidade virtual é algo que está no presente, constituindo relações virtualizadas e isso não significa que as desigualdades sistêmicas de gênero, raciais e sociais não vão ser reproduzidas no mundo virtual (THÂMARA, Thamyra entrevista concedida a Campanha de Ação ODS da ONU, Out 2020).

As últimas ações do GatoMÍDIA apresentadas nesta pesquisa são o “FESTIVAL AFROAMERÍNDIO: narrativas visuais, imersivas e tecnológicas na construção de imaginários anticoloniais” e o Laboratório Afrofuturista de narrativas cinematográficas. No dia 18 de dezembro de 2020 o projeto realizou das 10:10 horas da manhã às 21:21 horas da noite, lives no *Instagram*, trazendo assuntos como “Ideias para combater o racismo através da lógica afrofuturista no ciberespaço” com a fala de Isys Maciel - 10h10; “Afrofuturismo, ficção e imaginação negra na realidade virtual” discutida pela Andressa Núbria; “Narrativas imersivas periféricas” com Jon Thomaz e Fabiano Mixo; “Criatividade e processos tecnológicos” comunicado pelo Raphael Cruz; “Identidades Negras afrofuturistas, estratégias de livramento e imaginários anticoloniais” exibido por Thamyra Thamyra e Naymare Azevedo; “Como falar o corpo espectral?” com Mariah Rafaela Silva; “traquejos petencostais para matar o senhor” na companhia da Ventura Profana e “Negres Evangeliques em movimento contra a colonialidade brasileira” por intermédio de João Bigon. Além das apresentações de trabalhos imersivos e narrativas Afroameríndias de João Araió, Milena Rocha, Rosy Nascimento, Tainá Barral, Anna Maria Moura e Taily Terena (INSTAGRAM GATOMÍDIA, 2020).

No dia 02 de junho de 2021 o GatoMÍDIA lançou a abertura do processo seletivo para o Laboratório Afrofuturista de narrativas cinematográficas, as inscrições ficaram abertas até o dia 13 de junho de 2021 e foi feita por meio de formulário do *Google*. As vagas foram “selecionadas, respeitando os parâmetros de seleção que valorizam a negritude, diversidade de gênero, proporcionalidade territorial e oportunidade de replicação do conhecimento para a sua comunidade” (LEGENDA INSTAGRAM GATOMÍDIA, 2021). O projeto intitulou as aulas ministradas como “*Master classes*”, reunindo nomes como: Everlane Morais, Cineasta, graduada em artes visuais (UFS) e especialista em direção de

documentário pela EICTV - Cuba; Ary Rosa, filósofo e cineasta graduado pela FACAPA e UFRB, produtor executivo, diretor geral e roteirista; Eric Paiva, roteirista, diretor e montador formado em cinema pela CUFA e editor chefe do programa TV Piá (TV Brasil); Marina Silva, jornalista pela PUC-Rio e pós-graduada pela IBMEC Rio atuando como roteirista e pesquisadora de elenco e faz parte do time de desenvolvimento e negócios da Boutique filmes; Ana Julia Travia, formada em audiovisual pela ECA, USP, montadora dos curtas vencedores do prêmio júri no 50° Festival de Brasília e foi premiada por melhor montagem no 48° Festival de Cinema de Gramado; Milena Manfredin, cineasta, antropóloga e curadora independente e Adirley Queirós é graduado em Cinema pela UnB, dirigiu e produz curtas e longas-metragens.

“Os pretinhos irão se a(r)mar em direção à desconstrução de estereótipos e produções imagéticas anticoloniais que tenham compromisso com reparação racial, equidade de gênero e equidade socioeconômica, tendo em vista a valorização de sua própria subjetividade” (LEGENDA INSTAGRAM GATOMÍDIA, 2021). A legenda publicada no lançamento do laboratório na página do *Instagram* do projeto expressa o propósito da REDE GatoMÍDIA com esplendor. Proporcionando para jovens negras e negros o acesso e criticidade para a produção de imagens afrocentradas.

Ao olhar para a mídia e tecnologia sem a neutralidade, é possível enxergar a importância das ações promovidas pelo GatoMÍDIA, pois garante a produção de conteúdos feitos por pessoas diversas sendo elas mulheres, pessoas trans, negras e periféricas, desenvolvendo a criação a partir da sua visão de mundo com as suas vozes, deixando de realizar as mesmas produções problemáticas do mundo moderno com estrutura capitalista, patriarcal e racista.

### 3. COMUNICAÇÃO, MÍDIA E TECNOLOGIA: UM OLHAR PARA OUTROS FUTUROS COM VIÉS RACIAL

O estudo com base na interdisciplinaridade permite o capítulo teórico a transitar entre tecnologia e a teoria crítica racial, para discutir como as tecnologias podem reforçar o racismo. Ruha Benjamin, socióloga e professora do Departamento de Estudos Afro-Americanos da Universidade de Princeton, explora no livro *'Race After Technology: Abolitionist Tools for the New Jim Code'* (em português, *Raça Depois da Tecnologia: ferramentas abolicionistas contra o Novo Jim Code*), uma abordagem mais justa e equitativa para a tecnologia. Ruha cita Mariame Kaba, ativista e educadora para sustentar a afirmação de que a “realidade é algo que criamos juntos” (BENJAMIN, 2019, tradução nossa, n.p.).

Benjamin destaca que a realidade que herdamos é de sofrimento e injustiça e que é hora de reinventar o que é possível (BENJAMIN, 2019). O subtítulo “*the New Jim Code*” discute o conceito do Novo Código Jim, uma referência indireta ao “*Jim Crow*”, leis que impunham a segregação racial no sul dos Estados Unidos durante parte dos séculos XIX e XX (BÁRBARA PAES, minasqueprogramam). O debate gira em torno das “tecnologias que refletem e reproduzem as desigualdades existentes” e Benjamin reflete um pouco mais sobre as implementações dos códigos:

os códigos atuam como narrativas, nos dizendo o que esperar [...] os códigos raciais nascem com o objetivo de controle social, eles facilitam isso e operam dentro de sistemas poderosos de significado, que tornam algumas coisas visíveis e outras invisíveis (BENJAMIN, 2019, tradução nossa, n.p.)

Ao continuar o diálogo sobre tecnologia e racismo, Ruha Benjamin ressalta que a solução dos problemas tem como parte central a tecnologia, e apresenta o algoritmo como “um conjunto de instruções, regras e cálculos projetados para resolver problemas” (BENJAMIN, 2019, tradução nossa, n.p.). Os conjuntos de dados e normas de sistemas não são representações objetivas da realidade, segundo a autora “são a culminação de ferramentas, pessoas e estruturas de poder particulares que colocam em primeiro plano uma maneira de ver ou julgar em detrimento de outra” (BENJAMIN, 2019, tradução nossa, n.p.).

Em relação a essas desigualdades codificadas, representadas pelas tecnologias, Ruha declara que nos tornamos mais conscientes das dimensões sociais da tecnologia e que o problema inclui um elaborado social e aparato técnico que governa todas as áreas da vida. Podemos dizer que o elaborado social que Ruha se refere, gira em torno do racismo estrutural, que está presente nas nossas estruturas sociais e reflete nas produções e governanças da sociedade.

Silvio Almeida aborda o fato da raça ser um elemento essencialmente político, sem qualquer sentido fora do âmbito socioantropológico (ALMEIDA, 2018). Ao considerar a raça um fator político de extrema importância, é possível olhar e perceber que ela é usada para naturalizar desigualdades, justificar a segregação e o genocídio de grupos sociologicamente considerados minoritários. Almeida conceitua racismo estrutural como:

[...] uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural (ALMEIDA, 2018, p.38).

Como exposto anteriormente, os códigos são projetados para solucionar problemas e Ruha responsabiliza “os designers de tecnologia por codificarem os julgamentos em sistemas técnicos, entretanto, afirmam que os resultados racistas de suas projeções são inteiramente exteriores ao processo de codificação” (BENJAMIN, 2019, tradução nossa, n.p.). A pesquisadora chama de praça pública digital o ambiente onde “especialistas em tecnologia se escondem atrás da linguagem da liberdade de expressão, permitindo que o assédio racista e sexista se espalhe desenfreado” (BENJAMIN, 2019, tradução nossa, n.p.).

O livro “O que é racismo estrutural?”, do autor Silvio Almeida (2018), expõe a controvérsia da etimologia do termo raça, e liga o termo “ao ato de estabelecer classificações, primeiro entre plantas e animais e, mais tarde, entre seres humanos” (ALMEIDA, 2018, p. 19). Em meio às grandes discussões de diferentes pesquisadores foi possível chegar à conclusão de que o termo dado para a raça não é de fato um termo fixo, pois o seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado, ou seja, será moldado de acordo com as modificações nas sociedades e das mudanças nas relações de poder. Para

Almeida (2019, p.19) “[...] a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas”. De acordo com o autor:

Se antes deste período ser humano relacionava-se ao pertencimento a uma comunidade política ou religiosa, o contexto da expansão comercial burguesa e da cultura renascentista abriu as portas para a construção do moderno ideário filosófico que mais tarde transformaria o europeu no homem universal [...] (ALMEIDA, 2018, p. 20).

Apresentado o conceito de raça e sua relação de poder nas sociedades, é possível começar a exposição do conceito de racismo e outras categorias que também aparecem associadas à ideia de raça, o conceito de preconceito e discriminação. Nesse sentido, Almeida aborda o racismo como:

[...] uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam (ALMEIDA, 2018, p.25).

O conceito de racismo exposto acima difere do conceito de preconceito racial, que é “o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias” (ALMEIDA, 2018, p.25). A discriminação racial é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados. O poder é requisito fundamental aqui, ou seja, a possibilidade efetiva do uso da força, sem o qual não é possível atribuir vantagens ou desvantagens por conta da raça (ALMEIDA, 2018). O diálogo sobre raça é essencial para seguir com os apontamentos de Ruha Benjamin sobre a escolha da indústria privada ser pautada em uma decisão de política pública. Para a autora os valores políticos que guiam as decisões “impactam as questões de poder, ética, equidade e sociabilidade” (BENJAMIN, 2019, tradução nossa, n.p.).

O debate sobre regulamentações governamentais da indústria de tecnologia e a responsabilização de empresas privadas, sobre suas projeções tecnológicas, precisam pautar a racialização olhando para a estrutura das sociedades contemporâneas, que mesmo após o fim dos regimes escravistas, permaneceram presas a padrões mentais e institucionais escravocratas, ou seja, racistas,

autoritários e violentos (ALMEIDA, 2018). Ruha expõe o caso dos Alunos do *Brooklyn*, que protestaram contra um programa online feito pelo Facebook, para exemplificar que a “desigualdade codificada pode ser enfrentada como desafio coletivo, resistindo ao fascínio da personalização (despersonalizada) e afirmando, neste caso, a sociabilidade da aprendizagem” (BENJAMIN, 2019, tradução nossa, n.p.). Para a autora raça “é um tipo de tecnologia projetada para separar, estratificar e santificar as muitas formas de injustiça experimentadas pelos membros de grupos racializados” (BENJAMIN, 2019, tradução nossa, n.p.), mas que os indivíduos rotineiramente refazem o processo de imaginação e implantação para seus próprios fins. A autora afirma que além da lógica racial entrar no design da tecnologia, a raça é uma das ferramentas mais poderosas, que opera para visão e divisão.

Ainda na obra “Raça Depois da Tecnologia: ferramentas abolicionistas contra o Novo Jim Code”, Benjamin utiliza uma abordagem híbrida de dois campos de estudos, os estudos críticos raciais e os sistemas sócio-técnicos, para duas observações importantes, a primeira que qualquer ordem social é impactada pelo desenvolvimento tecnológico, e a segunda que as normas sociais, ideologias e práticas são uma parte constitutiva da projeção técnica (BENJAMIN, 2019). O racismo, para a autora, é “um conjunto de tecnologias que geram padrões de relações sociais, e estas se tornam caixa-preta como naturais, inevitáveis, automáticas” (BENJAMIN, 2019, tradução nossa, n.p.).

Tarcízio Silva (2019) no artigo “Teoria Racial Crítica e Comunicação Digital: Conexões contra a dupla opacidade”, defende que a Teoria Racial Crítica (TRC) é uma estrutura teórica interdisciplinar contra os discursos hegemônicos, que impossibilita o pensamento crítico social sobre a tecnologia e questões raciais na sociedade (SILVA, 2019, p. 1 - 2). Os proponentes da TRC apresentaram o poder das contra-narrativas como um caminho para oposição ao fazer científico que prega a neutralidade “enquanto representava apenas interesses de uma elite limitada” (SILVA, 2019, p. 2). O autor cita Brenda J. Allen para destacar a identificação dos pontos da TRC na Comunicação, onde a teoria dos campos hegemônicos “geralmente não mergulha nas dinâmicas raciais de poder. Além disto, raramente menciona racismo de modo a explicitamente analisar questões de níveis macro” (ALLEN, 2007, p.260, trad. livre, apud SILVA, 2019, p.12).

O autor expõe que a “perspectiva interseccional nasceu na interface entre Teoria Crítica Racial e estudos feministas a partir de uma proposição de Kimberlé Crenshaw (1989)” (SILVA, 2019, p. 6). Elucidando o pensamento de Crenshaw, Carla Akotirene no livro “Interseccionalidade” levanta a questão de a interseccionalidade permitir

enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias, além do fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras, já que reproduz o racismo. Igualmente, o movimento negro falha pelo caráter machista, oferece ferramentas metodológicas reservadas às experiências apenas do homem negro (AKOTIRENE, 2018, p. 14).

Tarcízio Silva cita Kimberlé Williams Crenshaw (2012) para destacar que a interseccionalidade é essencial para entender como o capitalismo se transforma para manter a estrutura de subordinação e as coincidências entre gênero, classe, globalização e raça (SILVA, 2019). Akotirene discorre sobre a interseccionalidade permitir às feministas criticidade política para “compreenderem a fluidez das identidades subalternas impostas a preconceitos, subordinações de gênero, de classe e raça e às opressões estruturantes da matriz colonial moderna da qual saem” (AKOTIRENE, 2018, p. 24). A autora diz que é:

o padrão colonial moderno o responsável pela promoção dos racismos e sexismos institucionais contra identidades produzidas durante a interação das estruturas, que seguem atravessando os expedientes do Direito moderno, discriminadas à dignidade humana e às leis antidiscriminação (AKOTIRENE, 2018, p.35)

Kimberlé Crenshaw conceituou interseccionalidade como “a conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação” (AKOTIRENE, 2018, p. 42 - 43). De modo a sintetizar especificamente o jeito que o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades que estruturam as posições sociais. Além disso, Akotirene reflete que “a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento” (AKOTIRENE, 2018, p. 42 - 43).

João Araió, um dos interlocutores desta pesquisa, que é coordenador pedagógico e um dos fundadores da Rede GatoMÍDIA, em entrevista para esta monografia cita Thamyra Thamara, fundadora da Rede para afirmar que “tanto a comunicação, como a tecnologia não são neutras”. Ele percebe a relação distante da comunicação para a maioria dos jovens negros das periferias, e atua para aproximar e apropriar esses jovens utilizando a comunicação nos espaços digitais. A ação de desmistificação está presente nos primeiros encontros que o GatoMÍDIA executa para colaborar para a comunicação sobre o aprendizado em mídia e tecnologia. Descobrir como funciona, auxilia no questionamento dos jovens sobre para quem as grandes mídias no Brasil estão a serviço. As mensagens produzidas e que circulam nas mídias e redes digitais são carregadas de interesses corporativos e o entendimento dos jovens sobre a possibilidade de colocar as pautas, desejos, sonhos e potencialidades dentro do conteúdo comunicativo, parte do aprendizado aproximado para a apropriação.

Ainda em seu artigo sobre a Teoria Racial Crítica, Tarcízio Silva (2019), em diálogo com Daniels, Nkonde e Mir (2019), revela a comunicação como objeto e fim que se tecem no olhar da teoria, dado que os ambientes digitais ocupam local fundamental para “disputas de narrativas [...] dos ativismos e participação digitais e também do resgate de história, dados e informações ou, ainda, promoção de literacias digitais na interface com a educação” (SILVA, 2019, p.12). O autor também dialoga com Kim Gallon para exibir uma “tecnologia do resgate”, definição de Gallon para sugerir um olhar afrocentrado sobre as humanidades digitais. Gallon (2016, n.p), citado por Silva, afirma que os esforços de “trazer a humanidade plena de pessoas marginalizadas através do uso de plataformas e ferramentas digitais” aproximam projetos e humanidades digitais.

A Teoria Crítica Racial, segundo Tarcízio (2019) em diálogo com Allen (2007), comprova sua capacidade transdisciplinar e ajuda a superar a literatura acadêmica hegemônica que “tende a tratar raça como um aspecto a-histórico, essencialista e despolitizado da identidade” (ALLEN, 2007, p.260) com a finalidade de ir além para promover “uma análise mais abrangente e multifacetada de como raça, racismo e (des)igualdade racial se manifestam” (FERREIRA, 2014, p. 243, apud SILVA, 2019).

Graciela Natansohn (2019) escreve no artigo “Para uma internet feminista, descolonizar internet é urgente” sobre “epistemicídio gerado pelas exclusões no

ciclo produtivo das tecnologias digitais, que incluem internet, mas também outros dispositivos” (NATANSOHN, 2019, p. 136), e faz a análise de uma perspectiva tecnofeminista e decolonial. Para o estudo da cultura digital a autora utiliza dos estudos de Castells (2008) com o objetivo de realocar o tecnofeminismo como construção dos processos de comunicação, ao olhar sujeitos e suas práticas sociotécnicas como a “matriz epistêmica filha da globalização hegemônica e do capitalismo transnacional” (NATANSOHN, 2019, p. 136). A definição de Castells para cultura digital inicia o embasamento teórico, a fim de questionar a viabilidade de grupos gerarem práticas tecnocomunicativas descolonizadas e descolonizantes na cultura digital” (NATANSOHN, 2019, p. 136).

Castells define a cultura digital como: a) a habilidade para comunicar ou mesclar qualquer produto baseado numa linguagem comum digital; b) a habilidade para comunicar a partir do local para o global em tempo real e vice-versa, para poder disseminar o processo de interação; c) a existência de múltiplas modalidades de comunicação; d) a interconexão de todas as redes digitalizadas de bases de dados; e) a capacidade de reconfigurar todas as configurações criando um novo sentido nas diferentes camadas dos processos de comunicação e f) a constituição gradual da mente coletiva pelo trabalho em rede através de um conjunto de cérebros sem limites (CASTELLS, 2008, apud NATANSOHN, 2019, p.136).

A autora convida Rivera (2013, p.132) para o diálogo sobre decolonialidade, com tradução própria, Graciela evidencia que discutir a decolonialidade “como fator constitutivo dos atuais processos comunicativos é mergulhar na problematização das reivindicações dos grupos subalternos [...]” por meio do debate do uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs). Natansohn ainda destaca dois fatos importantes sobre as projeções tecnológicas, o primeiro de “homens brancos e de países dominantes serem os principais produtores de tecnologias, de hardwares e de softwares e o segundo, que Mulheres pobres são as que menos acessam as produções tecnológicas” (NATANSOHN, 2019).

O termo “caixa preta submetida à privatização” (NATANSOHN, 2019, p. 137) é utilizado para descrever como a internet opera hoje, “metida à privatização, oligopólios e confusão legal, pois se converteu num espaço privilegiado para os interesses corporativos, a vigilância e as manipulações políticas” (NATANSOHN, 2019, p. 137). Ao citar um aspecto sobre a divisória ou brecha digital de gênero e raça no Brasil, Graciela aponta que “o acesso via celular tem-se constituído, de fato,

em “o” modelo de inclusão digital brasileiro” (NATANSOHN, 2019, p. 138). A autora caracteriza o modelo sendo corporativo compulsório com consentimento do Estado e diz que ele esqueceu a política de extensão da banda larga no país (NATANSOHN, 2019). Em relato, detalha o modelo com “baixíssimo potencial de produção, criação e programação de conteúdos, derivando uma inclusão digital para o consumo e não para a cidadania ou para o fortalecimento da democracia” (NATANSOHN, 2019, p. 138).

As brechas digitais de gênero e raça apresentam parte constituinte do modelo e a exclusão digital é apenas uma manifestação do modelo que trata o homem como única norma de representação coletiva e racista da ciência e tecnologia. De acordo com Natansohn (2019) o modelo que favorece o mercado afeta pobres e mulheres negras. A autora conclui com a explanação sobre o dever de discutir *big data* e *internet* das coisas de uma perspectiva tecnofeminista antirracista e decolonial, para dialogar a questão “até onde estas tecnologias permitem às mulheres [...] maior capacidade de agência, poder, autonomia e controle de si, dos corpos e dos intercâmbios comunicativos?” (NATANSOHN, 2019, p. 142).

Com a iniciativa de repensar uma outra internet, a autora apresenta princípios para a descolonização de internet, trabalhados pelo grupo feminista

com as noções de autonomia tecnológica, soberania digital, justiça social, enquanto promovemos a criação de redes livres, ferramentas de segurança informática, plataformas livres e seguras, algoritmos confiáveis, abertos e servidores éticos, discutindo o que chamamos de princípios para a descolonização de internet (NATANSOHN, 2019, p. 142).

Os princípios significam um conjunto de ideias do alcance estrutural das redes digitais, em uma sociedade diversa, com diversidade de ferramentas e dispositivos, as redes digitais podem atuar para a ação política antirracista, feminista e LGBTQIAPN+. A aplicação dos princípios, reivindicam o fim da hegemonia do mercado e a livre circulação de ideias na rede (para consultar ‘Os princípios de descolonização de internet’ ler Natansohn, 2019, páginas 142 e 143).

Nas considerações da obra de Graciela, a autora cita que o feminismo nutre a utopia de que uma internet “anticapitalista, autônoma, não colonizada pelo comércio, pelo capital ou pelo estado” (NATANSOHN, 2019, p. 143) é possível, ou seja, uma outra internet, fundamentada pela colaboração e orientada com “autonomia, pela

cultura do compartilhamento e do código aberto, pela desgooglização e descolonização de nossa vida digital” (NATANSOHN, 2019, p. 143).

As discussões realizadas neste capítulo teórico permitiram a reflexão sobre a construção de uma internet acessível e aproximada de realidades sociais diversas para a construção de uma sociedade em rede democrática e com responsabilidade social. Os estudos sobre a Teoria Racial Crítica viabilizam o olhar para outros futuros sociais, onde as narrativas de pessoas negras não sejam elaboradas pelo mercado corporativo. As Políticas Públicas e a Comunicação Digital precisam caminhar ao lado das reivindicações dos movimentos sociais para que tenham impacto social de forma estrutural e assim contribuir para novos futuros. Nos próximos capítulos a monografia apresenta a metodologia da pesquisa e a análise do estudo.

## 4. UMA ETNOGRAFIA COM O GATOMÍDIA

### 4.1 Etnografia para a internet

A organização teórica metodológica para fazer uma pesquisa em comunicação é diversa, o campo possibilita muitas maneiras para organizar os dados colhidos. Diante de diferentes abordagens, a escolha teórica e metodológica para estruturar esta monografia é a etnografia. Isabel Travancas (2011) enquadra a etnografia como um método de pesquisa qualitativa e empírica, colocando o trabalho de campo do pesquisador como parte da estrutura metodológica. A lógica da pesquisa com o sistema exige do pesquisador uma análise profunda, e por este motivo é impossível fazer uma etnografia com pouco tempo de pesquisa em campo.

O primeiro movimento para o fazer etnográfico é o levantamento bibliográfico e a leitura do conteúdo. O segundo passo é a construção do caderno ou diário de campo, aqui as questões sobre o tema e a prática do campo são colocadas, com o intuito de registrar de forma descritiva tudo que foi observado e vivenciado (Travancas, 2011). O caderno de campo da monografia foi feito com o auxílio do *Google Docs* (software de serviços do *Google*), nele criei um documento onde adicionei minhas impressões após as entrevistas e organizei os prints das postagens do GatoMÍDIA, do *Instagram* e *Twitter*. A gravação pelo celular também foi um recurso utilizado durante as entrevistas para garantir a captação da conversa sem ruídos que poderiam dificultar o entendimento das respostas dos entrevistados.

A terceira etapa da etnografia é definida por Travancas como a entrada no campo. Refere-se a inserção do pesquisador no grupo. A minha entrada no campo, de maneira informal, deu-se em agosto de 2020, quando fui participante do “Laboratório Comunicadores do Futuro” do projeto GatoMÍDIA. Como pesquisadora, o início da observação participante nas redes sociais - redes oficiais do GatoMÍDIA e grupos do *WhatsApp* - teve início em maio de 2021 e teve a duração de sete meses. Travancas (2011) conceitua a entrada no “campo”, como a inserção do pesquisador no grupo social em que está se fazendo a pesquisa.

O antropólogo norte-americano Clifford Geertz (1997) afirma que a etnografia é mais que um método do qual a prática significa definir relações, escolher os participantes da pesquisa, transcrever textos e alimentar o diário de campo, ações

essenciais para a experiência do "trabalho de campo" (GEERTZ, 1997, p. 15). O autor define a prática etnográfica formada pelo empenho intelectual representado pela concepção da elaboração de uma "descrição densa" do campo. Para o autor, descrição densa é o recurso metodológico para interpretar as estruturas significantes do campo de forma profunda. O detalhamento consistente terá êxito com o mergulho na realidade do grupo social em análise, para o entendimento sobre o significado da lógica vivenciada pelos interlocutores, compreendendo assim, as especificidades do campo.

A experiência do trabalho de campo, apresentada aqui, se deu por meio da participação ativa no campo, como integrante da primeira fase do "Laboratório Comunicadores do Futuro" no mês de agosto de 2020. Com o mundo na Pandemia de COVID-19 do ano de 2020, a metodologia do curso foi mediada pelas redes digitais. A sede do GatoMÍDIA tem como território o Rio de Janeiro e com a situação sanitária global, as inscrições para o curso abriram para o Brasil, possibilitando o meu contato e de muitos outros jovens negros e negras das periferias Brasileiras com a REDE GatoMÍDIA. Ao todo foram 702 inscritos e 60 selecionados.

O contato com o GatoMÍDIA fez com que a minha visão sobre a tecnologia se ampliasse, consegui enxergar possibilidades com a ciência tecnológica, partindo das produções periféricas e ancestrais, deslocando o pensamento hegemônico do centro e trazendo o olhar afrocentrado. Neste trabalho, a experiência etnográfica do trabalho de campo partiu do movimento, do meu deslocamento em relação à sociedade em que estou inserida (TRAVANCAS, 2011).

Com base no pensamento de que a etnografia é mais que um método, Christine Hine (2015) em '*Ethnography for the Internet: Embedded, Embodied and Everyday*', apresenta os procedimentos e técnicas que poderiam ser usados para definir o fazer etnográfico, no entanto, não são suficientes quando utilizados sem o aprofundamento com a descrição densa. O livro explora alguns passos para adaptar o processo de elaborar a etnografia para encontrar descrições ajustadas "às condições da sociedade contemporânea, em particular as condições criadas pela saturação crescente da vida cotidiana com várias formas de comunicação mediada por computador" (HINE, 2015, tradução nossa, p.1). A etnografia permite o aprofundamento da interpretação para chegar no centro do significado e com isso entender de que maneira as pessoas dão sentido em suas vidas.

Na perspectiva de Hine (2015, tradução nossa, p.1), a visão etnográfica na compreensão total é adequada para responder às seguintes questões atuais: “A Internet mudou nossas vidas? [...] Ela nivelou o campo de jogo da desigualdade social, ou surgiram novas formas de privilégio? Estamos nos conformando mais ou menos com o social normas na era da Internet? A Internet fortaleceu, enriqueceu ou desafiou nosso senso de comunidade? [...]”. As perguntas levantadas viabilizam a posição crítica diante dos princípios generalizados do impacto das novas tecnologias nas estruturas sociais.

Para a adaptação criativa da etnografia, Hine (2015) afirma que a estratégia pode mudar no decorrer do processo e que isso pode acontecer, desde que o compromisso dos princípios fundamentais da construção etnográfica para a formação do conhecimento de produção seja assumido. O livro ilustra por meio de estudo de caso “como essas estratégias adaptativas podem nos ajudar a iluminar o contexto social contemporâneo de arranjos que surgem dentro e ao redor da Internet” (HINE, 2015, tradução nossa, p.2).

A fim de introduzir o debate sobre as mediações das comunicações, causadas pela internet, Hine (2015) afirma que os etnógrafos precisam se apropriar das comunicações mediadas, pois as pessoas que estão sendo analisadas estabelecem de forma significativa as suas interações em torno das mediações da comunicação. De acordo com Hine (2015, tradução nossa, p.3) “o etnógrafo precisa participar dessas comunicações mediadas [...], bem como tomar nota de quaisquer outras formas de documentos e registros que circulam entre os participantes”.

A autora reitera que o fato do etnógrafo estudar as interações mediadas nas diferentes mídias potencializa o seu estudo, mas também faz com que ele encontre alguns problemas, pois desafia o pesquisador a dar sentido às situações como um todo unificado. Para Hine (2015, tradução nossa, p.3) as comunicações mediadas podem ser “problemáticas para os etnógrafos porque muitas vezes parecem nos deixar incapazes de compreender uma situação como uma entidade singular com todas as suas ramificações e descobrir o que isso significa para seus participantes”. A autora aborda as dificuldades de interpretar diferentes interações complexas, que possuem significados distintos e individuais.

Segundo Hine (2015) fazer etnografia por meio das interações mediadas pode resultar na “perda de um sentido seguro de um objeto de estudo com base

geográfica”. Mas quando falamos em estudar determinado objeto em profundidade, o método que mais fornece recursos para a pesquisa é a etnografia, no entanto, é sim desafiador porque a internet é multiespacial, apesar disso, a etnografia é, em seu cerne, uma abordagem altamente adaptativa que se ajusta as condições que encontra e em seu livro a autora discute as estratégias úteis em uma etnografia para as circunstâncias que a Internet contemporânea oferece e informa que o fazer etnográfico para a Internet não terá soluções únicas, porque o que a Internet é pode variar muito.

A autora aborda o fato da internet ser escassa em algumas partes do mundo e informa que “onde a Internet se tornou um fenômeno de massa, também, até certo ponto, torna-se banal”, isso pelo fato de ser difícil encontrar pessoas falando sobre como a internet está configurada no cotidiano da sociedade. Para a organização da complexidade da internet, Hine (2015) a coloca em dois quadrantes, o objeto cultural e a forma prática de fazer as coisas. A fim de sinalizar as mudanças do objeto cultural, a autora expõe a facilidade com que as pessoas começaram a produzir e “introduzir” o conteúdo próprio no ambiente virtual, tornando-se “uma parte ativa do ambiente da web”, restaurando o lugar de especialização, pondo pessoas como especialistas e deixando de lado sites considerados mais tradicionais (HINE, 2015). Essas mudanças da internet como um objeto cultural podem influenciar as coisas que fazemos online no âmbito individual, coletivo e suas significações. Essas expectativas, segundo Hine (2015), também moldam a nossa interpretação do mundo e do que encontramos online.

O mundo online configura conexões que permitem o envolvimento dos usuários em vários dispositivos de diferentes formas de temporalidade. Hine (2015) constata que os aspectos da internet são fenômenos culturais importantes para documentar com o método etnográfico, e conclui que a internet precisa da etnografia para descobrir os seus significados e como ela pode alterar nossas noções contemporâneas de subjetividade, personalidade e sociabilidade. A Internet, nas palavras da autora, “é diversa, flexível e heterogênea e, portanto, exige uma resposta metodológica adaptativa e situada” (HINE, 2015, tradução nossa, p.13).

## 4.2 Entrevistas em profundidade e observação participante

Para compreender a condição humana, a entrevista configura-se como uma poderosa maneira de obter informações nas ciências sociais e humanas. Sua aplicação de forma individual e em profundidade é qualificada como uma técnica qualitativa, que explora um tema desde a busca de informações, percepções e experiências de interlocutores até a estrutura das análises apresentadas. A abordagem da entrevista em profundidade tem como principais qualidades a liberdade de permitir ao entrevistado definir os termos da resposta e ao entrevistador ajustar as perguntas (DUARTE, 2011).

O recurso metodológico das entrevistas em profundidade busca, com base em teorias, reunir respostas levando em conta a experiência da fonte escolhida. Os dados coletados passam por interpretação e reformulação e o pesquisador dialoga criticamente junto à realidade, com o objetivo de observar e descrever o tema de maneira aprofundada, para retratar os processos e compreender o posicionamento do entrevistado em relação ao assunto em questão. Além de possibilitar a identificação de problemas, padrões, detalhes e caracterizar a riqueza de um tema, utilizando a entrevista é possível reconhecer as distintas particularidades de perceber e descrever os fatos (DUARTE, 2011).

Jorge Duarte (2011) reconhece que o objetivo da entrevista em profundidade é saber qual a percepção dos entrevistados em relação a entrega das informações para o entendimento de uma concepção do cenário ou estrutura de um problema. A entrevista é um procedimento que permite um levantamento fundamentado em relatos da interpretação e experiência, sem empregar uma visão objetiva do tema de pesquisa. Duarte (2011) descreve que o uso da entrevista em profundidade serve para integrar a realidade em relação ao íntimo do entrevistado e a descrição de processos complexos em que ele está inserido.

As entrevistas em profundidades são definidas em diferentes categorias, como a aberta, entrevista semiaberta e fechada. A presente monografia faz uso da entrevista semiaberta, que de acordo com Duarte (2011) parte de um roteiro com questões que partem do problema de pesquisa e serve como guia para o pesquisador aprofundar as questões iniciais e tratar o tema de forma ampla. As perguntas são apresentadas de forma aberta, possibilitando ao entrevistado a

flexibilidade necessária para a condução da entrevista conforme o roteiro do pesquisador (DUARTE, 2011).

O roteiro utilizado para estruturar as entrevistas em profundidade (Apêndice A), foi construído com dezenove perguntas, feitas de forma flexível, ou seja, as perguntas eram incrementadas conforme o andamento da conversa, utilizando o roteiro como controle metodológico. As questões se enquadram no que Duarte (2011) chama de funil, pois no início as perguntas tem seu caráter mais fechado e do meio para o final vão se abrindo, permitindo ao entrevistado o aprofundamento de suas respostas. Houve alteração do primeiro roteiro para o segundo, em razão do entendimento da necessidade de adaptação com a prática das entrevistas. Duarte (2011) afirma que é natural o pesquisador começar com um roteiro e terminar com outro.

O serviço de comunicação por vídeo desenvolvido pelo *Google, Google Meet*, foi escolhido para realizar as entrevistas e foram gravadas, pelo mesmo serviço, com o consentimento das e dos entrevistados. A escolha da videoconferência ocorreu devido à distância do território das e dos entrevistados e a Pandemia global do coronavírus (COVID-19). A primeira entrevista ocorreu no dia 26/11/21, sete horas da manhã e teve duração de vinte e seis minutos e trinta e oito segundos. No dia 29/11/21, uma hora da tarde aconteceu a segunda entrevista, foram quarenta e três minutos de conversa gerenciada pelo roteiro, já com algumas alterações. O restante das entrevistas se deu ao longo dos meses novembro de 2021 até junho de 2022, com uma média de 30 minutos de duração. A entrevista de João Araió contou com um roteiro de entrevista diferente (Apêndice B), visto que as perguntas direcionadas a ele tinham outro objetivo. Ao todo foram realizadas oito entrevistas em profundidade.

Já em relação a observação participante, esta aconteceu no período em que fiz parte do projeto e no período de maio a novembro de 2021, através das redes oficiais do GatoMÍDIA e grupos do *WhatsApp* com outros participantes da rede. Assim como as entrevistas em profundidade, a observação participante se faz um instrumento importante em etnografias, para que seja possível produzir dados a partir do que é observado. De acordo com Cicilia Peruzzo (2011) com esse método o pesquisador ou a pesquisadora pode ver as coisas de dentro do grupo

pesquisado, participando de suas atividades e acompanhando as situações que englobam o seu objeto de pesquisa.

### **4.3 Apresentação dos e das participantes da pesquisa**

Neste subcapítulo apresentamos um breve perfil de cada participante da pesquisa. Esses sete jovens foram escolhidos para participar das entrevistas em profundidade pela sua participação nos projetos e por serem de diferentes regiões do país - as cinco regiões do Brasil foram contempladas nas entrevistas em profundidade. O contato com eles e elas se deu através do *WhatsApp* e do *Instagram* e alguns foram a partir de indicações. Os nomes atribuídos aos jovens interlocutores são fictícios, para preservar suas identidades. A entrevista com João Araió, coordenador pedagógico e um dos fundadores do GatoMÍDIA, se deu a partir de indicação de Thamyra Thamara, idealizadora da rede.

#### **Adelaide**

Adelaide se identifica como uma mulher cis com 27 anos de vida, utilizando os pronomes Ela/Dela, estudou em escola pública na maior parte da educação, é formada em Publicidade pela Universidade Católica de Salvador, com bolsa, e em licenciatura no curso de Dança pela Universidade Federal da Bahia - UFBA. Sua ocupação profissional foi nomeada como “multiartista”, atuando como: Fotógrafa, Artista da Dança, Artista Educadora, Educanda, Produtora e atualmente estudante de Cinema.

Adelaide sempre morou em Salvador, capital do estado da Bahia, no nordeste do Brasil, residindo em três bairros diferentes da capital. IAPI, que é uma comunidade conhecida como campo do milho, que quando foi feita a pergunta sobre a sua relação com o bairro deixou bem explícito que é onde ela mais se sentiu pertencente da comunidade; o segundo bairro de Salvador que morou foi Castelo Branco, ela tinha muito contato com os moradores e sua mãe se sentia mais à vontade lá. A mudança do IAPI para Castelo Branco aconteceu por conta da criminalidade no bairro e para a família prestar cuidados a sua avó. Atualmente mora no Trobogy com os pais e a irmã e não tem muita relação com a comunidade

por conta de ser nova no local. A relação de comunidade, de periferia, era no IAPI, onde perdeu os contatos com o passar do tempo.

## **Milan**

Milan tem 26 anos e é do Piauí, se identifica como uma mulher negra, bissexual e entende que a família é de uma região em que se tem vestígios que existiram pessoas indígenas, mas que ninguém sabe direito de onde vem. A participante da pesquisa aponta o fato da dificuldade do autorreconhecimento por conta da história apagada. Durante a entrevista com a interlocutora, Milan diz que tem uma vida em trânsito. Quando fez o laboratório online do GatoMÍDIA, estava na casa dos pais no interior do interior do Piauí (como se refere a localidade), uma cidade de 6 mil habitantes onde conhece todo mundo e mantém contato comunitário. Na cidade ela trabalhava com rádio comunitária.

Quando foi para Teresina, município brasileiro que é capital do estado do Piauí, e ficou sete anos por conta da graduação, ela não tinha mais a dimensão de bairro. Trabalhava em coletivos e começou a dialogar com as ocupações onde se sentia mais à vontade, sentia que fotografia e vídeos faziam sentido para conectar existências. Em Teresina ela não tem conexão com o bairro que mora e sim em bairros em que os amigos moram e onde atua em coletivo. Atualmente Milan está executando um projeto e morando com amigos no interior do estado de Minas Gerais e sua residência fixa é na capital do Piauí, Teresina, com a irmã.

Milan participa de um coletivo de cinema independente, onde registrou o festival de pipa Santa Maria da Codipi, Baile da Santa Maria e Batalha de MCs. A conexão com a ocupação resultou em uma estreia de filme, oferecendo algo para a comunidade em que ela se sentia muito bem, assim como a relação de trocas com parceiros que têm até hoje enquanto coletivo, como o Reação do Gueto, que é um grupo de RAP e o pessoal que produz o festival de pipa. Por trabalhar com temáticas emergentes e lidar diretamente com o que os atravessa enquanto pessoas da cidade, o filme foi estreado na beira do rio, com o lançamento em um lugar estigmatizado pela mídia, a interlocutora aponta que Teresina tem esse desprezo pelos rios. Nas suas produções ela trabalha essa disputa de narrativas de

lugares que estão diretamente ligados. No Labcine, projeto em que atua, ela dirige e faz o roteiro, mas a ação do projeto é por núcleos e todos fazem de tudo.

A participante da pesquisa tem pais professores, estudou na zona rural, sem “letricidade” até aos nove anos e foi alfabetizada em escola na zona rural. Depois a interlocutora estudou em escola pública na cidade; o ensino médio foi em escola estadual. Milan também fez escola técnica em rádio tv em escola privada com bolsa e técnico em administração no Instituto Federal. Após a formação técnica, passou no curso de Jornalismo e foi fazer graduação na Universidade Federal do Piauí.

### **Andaro**

Andaro é uma pessoa trans não binária, que utiliza pronomes masculinos, tem 23 anos e mora sozinho na favela do Arará, situada no bairro Benfica, na Zona Norte do Rio de Janeiro, Brasil. O participante da pesquisa atua como professor de programação *front-end*, sempre estudou em escola pública, exceto nos anos iniciais e se denomina sendo cria dos movimentos de empoderamento da juventude favelada, incluindo o GatoMÍDIA. Sempre foi das escolas públicas, faculdade pública e projetos sociais.

### **Pedro**

Pedro é Jornalista, Cineasta e Diretor de Arte do São José de Ribamar, o terceiro município mais populoso do estado brasileiro do Maranhão, tem 27 anos e mora com a família, pais e irmãos. Nasceu e morou até os 8 anos de idade em São José de Ribamar, logo após se mudou para a capital do Maranhão, São Luís, e por volta de 5 anos voltou a morar na cidade natal novamente. Sua relação com o bairro é mais afetiva, de conhecer, reconhecer e resistir num local que traz afeto, no entanto há algum tipo de opressão por ser um lugar rural e não aceitar muito bem um gay preto de família evangélica.

A família do participante da pesquisa sempre proporcionou meios de ter uma educação relativamente boa. Apesar de estudar toda vida em escola pública, o tempo sempre foi dividido em outras atividades como aulas de música. O mais importante é que nunca faltou para ir e voltar, para comer e apoio dos pais.

## **Maria**

Maria é uma mulher cis, bissexual, de 32 anos, residente do interior do estado de Rondônia, região norte do Brasil, no município de Cacoal. Hoje ela integra e faz parte do contexto urbano, mas vem de um contexto rural. Sua formação foi no curso de Jornalismo pela Universidade Federal de Rondônia. Maria falou sobre o seu interesse de se envolver mais em debates políticos do seu bairro, como saneamento e desenvolvimento. A interlocutora apontou que o fato de ter se mudado para uma periferia, quando migrou do contexto rural para o urbano, ocorreu por ter familiares que já moravam em Cacoal e que se identifica muito com o bairro por ter uma característica de comunidade, que se diferencia dos grandes centros urbanos. A relação de proximidade das pessoas que residem em seu bairro é o que mais faz com que a participante da pesquisa não tenha vontade de se mudar.

A educação de Maria foi totalmente em escola pública, no contexto rural, onde todos se conheciam, estudou através do Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo (Procampo). A interlocutora é prestadora de serviços em assessoria de comunicação, voltada às questões da agricultura em ONGs e Organizações que lidam com as questões da agricultura e mantendo a relação entre campo e cidade, que acredita ser impossível não discutir essa relação.

## **Glorio**

Glorio é gay, mineiro, casado há nove anos e vive um relacionamento aberto e poliamoroso. Morou um tempo no Rio de Janeiro e atualmente reside em Araés, bairro central de Cuiabá no estado do Mato Grosso, tem 31 anos e trabalha com teatro e audiovisual. Glorio escreve alguns projetos sociais e roteiros sobre tecnologia e arte. O interlocutor se denomina sendo um viajante, morou dez anos no Rio de Janeiro em vários bairros, já saiu do país e no Mato Grosso está a três anos; viveu na chapada dos Guimarães durante a maior parte do tempo, mas mudou de bairro várias vezes e está a três meses em seu bairro atual.

O participante da pesquisa estudou em uma escola pública militar, o Colégio Tiradentes, fez vários cursos relacionados a arte e audiovisual, como iluminação, sonoplastia e figurino. Atualmente faz técnico em teatro com ênfase em direção, na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT); já cursou licenciatura em teatro no Rio de Janeiro, mas não concluiu. Glorio relatou sobre as suas formações de projetos sociais: ele veio do projeto Valores de Minas, que abriu as portas para a sua atuação com as artes de forma presente e com a relação com as mídias e tecnologias. A escola acontecia no mesmo espaço onde acontecia o EICABOOM de onde vem várias pessoas que são do GatoMÍDIA.

### **Yuri**

O interlocutor é um homem negro trans, mora em Novo Hamburgo, um município do estado do Rio Grande do Sul, localizado na Região Metropolitana de Porto Alegre. Yuri está no final do curso de História, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e trabalha com audiovisual. É produtor pleno em uma empresa de comunicação criativa, faz parte do coletivo homens negros trans - Trans Masculinos em Diáporas - coletivo novo no Rio Grande do Sul, que teve a iniciativa de fundar junto do seu colega.

A educação do Yuri foi majoritariamente em escola pública, o ensino fundamental foi na escola do município, o médio foi em uma escola do estado e a universidade também é pública. O participante da pesquisa mora com os pais e a sobrinha.

### **João Araió**

O interlocutor se autodetermina João Araió, Tem 34 anos, é jornalista, nasceu no Piauí, é piauiense, mas vive no Rio de Janeiro há 24 anos. A profissão oficial é de jornalista, mas trabalha com outras coisas: é fotógrafo, trabalha com audiovisual, já teve experiência com teatro, educação popular, pesquisa e agora está como coordenador pedagógico do GatoMÍDIA.

## 5. ANÁLISE

Neste capítulo da pesquisa realizamos a análise com base nas entrevistas em profundidade realizadas e a partir da observação das redes do GatoMÍDIA. A presente análise está dividida em quatro seções: Tecnologia: acesso e experiências; Aprendizado em rede como possibilitador de acesso ao conhecimento; Percepção do posicionamento comunicacional do GatoMÍDIA; e, por fim, Práticas comunicacionais do GatoMÍDIA.

### 5.1 Tecnologia: acesso e experiências

A tecnologia esteve presente na vida dos participantes da pesquisa antes de conhecerem o GatoMÍDIA, mas o contato com a Rede aproximou o conteúdo técnico da realidade do cotidiano dos jovens. Isso contribuiu para a apropriação das ferramentas e abertura de novos caminhos geridos pelas tecnologias digitais. A importância do conhecimento tecnológico, de forma aproximada, pode ser destacada de diversas formas: pode significar um emprego melhor, uma renda melhor, um empoderamento digital e tecnológico ou a afirmação de ser possível trabalhar e pensar com a tecnologia. Nas entrevistas realizadas com os participantes da pesquisa, é possível elencar outras formas de reforçar essa importância.

Para Adelaide tecnologia “é tudo aquilo que pode fornecer conhecimento para algo, para alcançar algum objetivo” (Adelaide, dezembro de 2021). Ela se refere tanto às tecnologias cibernéticas de computadores celulares, quanto à tecnologia de corpo também. Adelaide é artista da dança e entende a tecnologia quando ministra suas aulas. Na sua visão, não é só no som, celular e computador que a tecnologia está presente, mas sim no seu corpo e o corpo do outro enquanto ferramenta para aprendizado.

Seu contato inicial com mídia e tecnologia começou no ensino médio. Adelaide é técnica em informática e seu interesse sempre fez com que buscasse a tecnologia e mídia, tanto na publicidade quanto na dança, ela está sempre caminhando por esse meio e hoje desenvolve seus projetos de multiarte com essa união, mesclando todas as áreas de conhecimento. Ela conheceu o GatoMÍDIA no

*Instagram* e participou do Laboratório de Narrativas Cinematográficas, a partir daí começou a acompanhar pelo *Instagram*.

Antes de conhecer o GatoMÍDIA, a relação de Adelaide com a tecnologia e mídia era muito diferente, a interlocutora comenta que a perspectiva racial de como foram abordados os temas, fez com que ela se sentisse bem incluída. As abordagens deles eram bem diferentes das experiências que já tinha passado em relação ao aprendizado em mídia e tecnologia. Com o GatoMÍDIA ela se sentiu mais aberta, criativa e propositiva para criações dentro da mídia. Ela usa a palavra impulsionada para descrever seu sentimento de pertencimento, sendo entendida e entendendo o que eles estavam passando para ela.

Adelaide está fazendo um outro curso de cinema e comenta sobre a sua frustração com a instituição e o jeito de lidar com o cinema. No laboratório com o GatoMÍDIA, o cinema negro e as questões raciais eram o diálogo e agora ela se encontra em um lugar onde é questionada sobre o que escreve em seu roteiro. Suas produções são sobre questões pretas, sobre suas questões e é questionada sobre para quem é. Para Adelaide o GatoMÍDIA abriu portas para a mente, sobre o que ela quer escrever, produzir e onde quer estar inserida, além de trazer conexões de pessoas pretas que trabalham na área. Adelaide expõe a importância do trabalho do GatoMÍDIA, ela diz que é fundamental para jovens da periferia que nem sabem o que estão buscando se inserir na arte, enquanto propositora.

Já para Milan, tecnologia é o que faz mover e conectar para além do digital, para ela é o que faz conexão humana. O seu contato com mídia e tecnologia começou com mídias tradicionais, rádio e carro de som, já seu entendimento sobre tecnologia na época era com equipamento, ela usa a expressão “moderno” e “tecnológico” para descrever sua visão. A interlocutora passou a conhecer e seguir a REDE GatoMÍDIA por conta de uma indicação de uma amiga. No início da pandemia de 2020 ela estava no interior, na casa dos pais, estudando e se inscreveu para o Laboratório Comunicadores do Futuro, ela se dedicou muito e se aprofundou nos estudos sobre Realidade Virtual. O Laboratório viabilizou a escrita do roteiro e até o momento da entrevista ela estava com o projeto escrito para tentar financiamento para rodar a produção audiovisual em realidade virtual.

Depois do contato com o GatoMÍDIA, a interlocutora passou a se apropriar e acreditar que é possível realizar produções em realidade virtual, mesmo sendo de

uma família sem muita estrutura financeira. Ela menciona que no Piauí não existem filmes em realidade virtual e conseguindo financiamento, sua produção será a primeira.

Para Andaro, tecnologia é uma ferramenta para melhorar coisas que já existem. Com a tecnologia, o interlocutor acredita que é possível transformar espaços e mentes. A melhoria pode ser feita com tecnologia digitais, sociais e socioemocionais, ele enfatiza sua visão sobre tecnologia, que vai além da programação pelo computador e o uso das redes sociais. Para ele, a ferramenta transforma coisas que já existem para atender as necessidades do agora. O contato com mídia e tecnologia esteve presente desde a infância, ele aborda a Mídia, Comunicação e Tecnologia como algo que está junto. O estudo formal no campo iniciou com o curso técnico de eletrônica, onde ele percebeu que tecnologia era o que gostava mesmo, mas eletrônica não satisfazia o que ele gostava de tecnologia. No ensino superior, Andaro cursou Licenciatura em Ciências Sociais e sempre esteve voltado para educação pensando em comunicação e tecnologia, foi aí que deu uma pausa na graduação e começou a dar aula de programação, onde consegue exercitar comunicação, educação, tecnologia e mídia.

O primeiro contato com o GatoMÍDIA foi no projeto Wagikisa, uma imersão em 2018 de programação para jogos. Com a imersão, ela se apaixonou pelo fato do “espaço tratar a juventude favelada de forma poética, esteticamente atraente, com qualidade técnica e comunicação sensível” (Andaro, novembro de 2022). A formação trouxe de volta o amor que ele tinha pela programação, que ele abandonou por ter ouvido muito que a tecnologia não era área para pessoas como ele. Depois da imersão, a equipe do GatoMÍDIA indicou Andaro para uma bolsa de formação para o UNIperiferias, onde atuou no roteiro e no desenvolvimento do Favela Game, que era um game voltado para a juventude favelada, mostrando o que é ser um jovem favelado, as delícias e desafios e tudo isso partindo da visão de outros jovens favelados.

Hoje Andaro dá aula no Vai na Web (Programa de alta tecnologia e valores humanos que prepara talentos para a nova economia digital) e voltou para a paixão que é programar, ensinar e inspirar pessoas que acreditaram em pessoas que disseram que elas não eram capazes de trabalhar com tecnologia. Além do Wagikisa, Andaro participou do Laboratório Afrofuturista em 2020 e de workshops e

oficinas antes da Pandemia de 2020. A bagagem que ele conseguiu no Laboratório Afrofuturista o impulsionou a buscar outras formas de comunicar que ele existe e que várias pessoas como ele existem. Ele diz que foi no GatoMÍDIA que aprendeu como pode usar a tecnologia de forma saudável e impactando a vida das pessoas. A relação com a sua potencialidade e pertencimento se deu após o contato com o GatoMÍDIA. A primeira transformação que a rede trouxe foi ver que “Se eu existo, eu sou possível”, o reconhecimento sobre de onde veio, para onde quer ir e para onde está indo também foi estimulada pelo GatoMÍDIA. A segunda transformação foi assumir os desejos e se agarrar a eles, foi quando começou a estudar mais sobre tecnologia, redes sociais e comunicação, no sentido de conectar pessoas e ideias. O maior presente que o GatoMÍDIA trouxe para ele foi a agência de poder comunicar o que ele quer, sem medo do que outras pessoas vão pensar, ele diz que está comunicando para um público específico.

Já Pedro diz que desde muito novo teve acesso a internet e via seus pais reproduzindo tecnologias ancestrais como a pesca e plantio. O seu contato com o GatoMÍDIA foi mediado por uma amiga, que repassou a informação em um grupo de *WhatsApp*, sobre o projeto estar com vagas abertas. Por estudar comunicação e cinema, ele já tinha uma relação muito íntima com a tecnologia e sempre foi muito curioso em conhecer esse mundo.

No caso de Maria, a tecnologia é tudo aquilo que a gente cria, ela dá o exemplo do uso da enxada no contexto rural, e coloca isso como tecnologia. O contato com mídia e tecnologia se deu na Universidade de Jornalismo. A participante da pesquisa integrou a formação do Laboratório Comunicadores do Futuro e ficou sabendo por meio da Rede, foi uma indicação que foi “um divisor”, por conta do GatoMÍDIA fazer um trabalho bem distinto, aproximando os discursos e saberes da sua realidade. O GatoMÍDIA aproxima os saberes sobre tecnologia, apontando que é algo distante das comunidades, mas que é muito possível com a linguagem e abordagem que eles utilizam para trazer o conhecimento para os jovens de comunidades urbanas periféricas e rurais, aproximando da realidade sobre tecnologia sem perder a identidade do contexto que você vive.

O Glorio acredita que tecnologia é solucionar problemas e questões do dia a dia, a facilitação do cotidiano e tudo que otimize o tempo das tarefas e funções. Em 2010 ele começou a se aproximar da tecnologia de forma mais artística, com as

possibilidades do audiovisual, entendendo a câmera, projeto, mapeamento e outras linguagens da arte que envolvem tecnologia, mas ele sempre foi uma criança envolvida tecnologicamente, sempre gostou de computador e videogame. O participante da pesquisa fala que sempre foi um curioso analógico. Ele conheceu o GatoMÍDIA “pelo famoso boca a boca”, o ciclo de amigos fez com que ele conhecesse a Rede e participasse de uma oficina de mídia 360°, no início da pandemia. Com o contato com o GatoMÍDIA, o interlocutor conseguiu se abrir para outras maneiras de se construir e se organizar para executar um projeto, conhecendo o processo, detalhes e equipamentos. A apresentação da mídia 360° foi muito agregador para Glorio.

Em 2020 Yuri foi selecionado para participar do Laboratório Comunicadores do Futuro e com o GatoMÍDIA ele se aproximou do audiovisual e começou a ter mais contato com Afrofuturismo e Tecnologia. O contato com a tecnologia começou no colégio e sempre esteve presente na sua trajetória; ele conheceu o projeto pelo *Instagram*, na pandemia. Antes de conhecer o GatoMÍDIA ele já tinha um contato com tecnologia muito sólido, fazia cursos e trabalhava em uma empresa onde precisava entender sobre o computador e suas funcionalidades. O interlocutor destacou que o pensamento da juventude dele era “aprender a mexer no computador porque era o futuro e ele tinha que estar ali para conseguir uma oportunidade de emprego” (Yuri, junho de 2022). A tecnologia para ele foi a abertura para conseguir um emprego e sair da pobreza.

Com a análise sobre o que os participantes da pesquisa entendem como tecnologia é possível ressaltar palavras como: conhecimento, conexão, melhorias, pesca e plantio enquanto tecnologias ancestrais, criação, solução de problemas e questões, abertura e aprendizado. A perspectiva racial aplicada aos conteúdos técnicos sobre tecnologia facilitou o aprendizado, pois estreitou relações e potencializou o lugar de pertencimento ao campo das tecnologias digitais. O estudo sobre realidade virtual com o olhar afrocentrado, reforçou a possibilidade de inclusão no digital; o questionamento racial impulsiona os jovens a buscarem mais conhecimento sobre as tecnologias e correlacionar com as suas áreas de atuação, sejam profissionais ou de estudo.

## 5.2 Aprendizado em rede como possibilitador de acesso ao conhecimento

Adelaide fez licenciatura EaD (Educação a Distância) e o aprendizado em rede, para ela, remete a possibilidades e conexões que não poderiam ser possíveis sem a rede, sem a tecnologia. Hoje ela ministra aulas em rede e se nomeia enquanto educadora em rede e enxerga como possibilidades e crescimento tanto para educadores, quanto para educandos. Aprendizado em rede é potencializar o conhecimento e difundir. Ela comenta que se ficamos fechados nos núcleos não estamos nos aquilombando e a transmissão para diversos lugares, olhares e pessoas é muito importante.

Milan estava se questionando um dia antes da entrevista sobre o que faz a nossa geração ter mais acesso às coisas, ela utiliza o termo “geração de realizadores independentes”, que não tem acesso a grandes cursos de cinema, no eixo Rio de Janeiro/ São Paulo, por exemplo. A conclusão foi que o que faz o processo de aprendizagem acontecer é estar em Rede, a interlocutora diz que se não fosse isso a gente não teria acesso.

A participante da pesquisa conta que sempre participou de redes, era de uma rede de adolescentes comunicadores, que eram adolescentes espalhados pelo Brasil que gostam de comunicação, e depois de uma rede de coletivos “jovens pelo meio ambiente”. Milan destaca que sempre teve as redes como espaço de trocas e constata que hoje é bem mais fácil com internet, *Instagram* e redes sociais e conclui que é o aprendizado em rede que proporciona realizadores e realizadoras, que não têm tanta estrutura financeira, terem acesso a conhecimentos que são tão caros. Aprendizado em rede para a interlocutora é conectar pessoas que atuam em uma linha parecida com você para aprenderem juntas.

Com o GatoMÍDIA ela aprendeu técnicas que proporcionaram a escrita de um roteiro em VR, por exemplo, e se conseguir tempo e dinheiro para se dedicar ela acredita que consegue rodar o filme em Realidade Virtual. Ela aprendeu tecnicamente como fazer um filme em VR e que precisamos nos apropriar mais das tecnologias que não foram tão popularizadas e recontar ou contar as nossas histórias por meio delas.

Para a vida e relações da interlocutora, o GatoMÍDIA contribuiu com as conexões, que são fruto do aprendizado e rede, mas que vão para o trabalho, no

sentido de como podemos nos manter com o audiovisual tentando estruturar os projetos para conseguir financiamento. A lista de festivais acessados também foi importante para ficar atenta sobre os festivais que financiam projetos estruturados. Milan se refere às pessoas que coordenam o GatoMÍDIA como referências por serem pretas, trabalhando e se mantendo fazendo o que acreditam. Ela diz que ver essas pessoas dá um fôlego para ter esperança que pode se manter com as áreas da arte.

A interlocutora destaca ainda que o tempo para se dedicar e a didática do GatoMÍDIA facilitaram o seu aprendizado em mídia e tecnologia. Milan fala que a didática de trazer assuntos complexos e técnicos a partir do afrofuturismo, facilitou o aprendizado por partirem de um lugar que a gente também quer acessar, com conexões com as nossas origens, enquanto pensadores contemporâneos do afrofuturismo.

Ao ser questionada sobre sua visão de futuro, pensando afrofuturismo e as tecnologias que ela está se aproximando, Milan relata que enxerga um futuro onde as crianças vão ter suas referências já na infância e não só na adolescência/juventude, ela vê um futuro onde as meninas não vão mais alisar cabelo, se não quiserem. A participante da pesquisa se diz otimista. A realidade virtual no olhar de Milan vai ser aprendida na escola, o acesso a todas essas tecnologias ainda na escola, não quando a gente já chega na universidade ou em um espaço paralelo, a perspectiva de futuro é que a exceção vire regra.

A interlocutora entende que o acesso à construção na escola é muito importante por ser uma fase que o indivíduo está se despertando e quer ter acesso a tudo, e o acesso nessa fase de criança e adolescência é uma outra construção que faz você crescer com outro pensamento e mais perspectivas. A acessibilidade é incluída na conversa conversando com o afrofuturismo. Milan acredita que pensar afrofuturismo faz a gente pensar narrativas de forma mais prática para criar essa memória, por exemplo, pessoas cegas, pessoas surdas, terem o acesso a esses experimentos de forma representativa. O auxílio de uma pessoa com algum tipo de deficiência em uma consultoria de roteiro pode resultar em um produto formado pelas experiências e relacionado com a forma como elas olham para o mundo. Milan conclui dizendo que o rompimento com o lugar da representatividade

é necessário, mas que a gente chegue em um momento em que as projeções tecnológicas sejam totalmente apropriadas e acessíveis.

Andaro remete aprendizado em rede a “várias pessoas em vários lugares diversas trocando conhecimentos e ampliando oportunidades, a troca entre redes diferentes que formam uma rede só, uma rede de rede” (Andaro, novembro de 2022). O que facilitou o aprendizado em mídia e tecnologia para o interlocutor foi conhecer outras pessoas faveladas, pretas e principalmente as mulheres que inspiraram muito ele. Ter contato com essas pessoas facilitou o aprendizado por ter trajetórias parecidas com as dele e isso é muito importante para ele se sentir seguro, tanto para compartilhar como para absorver. O interlocutor tinha feito outros cursinhos sobre mídia, tecnologia e comunicação, mas nenhum atingiu ele, como as formações do GatoMÍDIA.

Pedro olha para o aprendizado em rede e faz a ligação com a coletividade. A partir da troca com o GatoMÍDIA outros horizontes sobre tecnologia e mídias sociais foram abertos para ele. Estudar ancestralidade e teorias decoloniais tornou a sua percepção sobre o assunto mais diversa e pluriversal. A desconstrução do olhar e a busca por novas perspectivas, contribuíram para a sua vida no geral. O estudo do afrofuturismo, principalmente, virou a chave em sua vida e fez com que tivesse possibilidades não imaginadas. O que facilitou seu aprendizado em mídia e tecnologia, além das tecnologias possíveis, foi a proximidade da metodologia com a sua realidade.

Aprendizado em rede, transmite para Maria, a ideia de relacionar conexões, de trocas de saberes e experiências. A interlocutora aprendeu a abrir a visão sobre tecnologia e a relação ancestral. O GatoMÍDIA, na visão da participante da pesquisa, consegue criar a relação com a tecnologia e a realidade e contexto da juventude negra. As relações metodológicas e a aposta na linguagem aproximada para comunicar o conteúdo técnico, facilitou o aprendizado em mídia e tecnologia da interlocutora.

Glorio liga o aprendizado em rede às relações estruturadas e organizadas que agora são mediadas pelo computador e pelo celular. Com o GatoMÍDIA o participante da pesquisa aprendeu a lógica estrutural dos equipamentos e o contato com as pessoas que desenvolvem os projetos, fez com que o seu entendimento sobre como funciona o trabalho durante o processo se estabelecesse. O que

facilitou o seu aprendizado em mídia e tecnologia foi o acesso ao computador, internet e celular.

Yuri menciona dois caminhos para pensar sobre o aprendizado em rede: o primeiro direcionado para redes mais específicas e técnicas, como cabos e *software*, e o segundo que ele se refere às redes sociais como algo mais aberto. Com o GatoMÍDIA ele aprendeu Realidade Virtual (VR) na sociedade preta e o afrofuturismo. O aprendizado em mídia e tecnologia foi essencial para o interlocutor estar onde está hoje.

Questionada sobre a contribuição do aprendizado em mídia e tecnologia para a cidadania, Adelaide diz que contribui para o entendimento sobre si e compreensão sobre quais são os deveres e os lugares para ocupar, desenvolvendo questões, pessoas, possibilidades e lugares para jovens negros estarem presentes. A interlocutora desloca o olhar para a experiência da fotografia e afirma que jovens da periferia fotógrafos e modelos potencializam o sentimento de valor e pertencimento referente a sociedade. Para Milan a contribuição é o reforço das disputas e espaços que temos e que é reafirmado que devemos ocupar, mas acredita que o lugar da cidadania é legitimado no laboratório, ela destaca que praticamente todos os realizadores que entraram já tinham a noção de acesso a políticas públicas, de ocupar melhor o lugar onde se vive e o laboratório conecta essas pessoas que estão fazendo isso em vários lugares dando acesso a realidades diversas. A participante da pesquisa conclui que o Laboratório que participou, estimula a conexão de diferentes formas de exercer a cidadania.

Andaro acredita que a apropriação tecnológica de pessoas de origens populares de forma próxima, garante uma democracia de ideias dentro do ciberespaço. Os movimentos de falar mais das pessoas e não de padrões é uma das principais contribuições para fomentar o aprendizado em mídia e tecnologia. Maria considera que o aprendizado em mídia e tecnologia contribui para a inclusão de pessoas pretas, periféricas, indígenas e quilombolas no debate e ação sobre tecnologia. Glorio considera que com a criação de um lugar de acessibilidade, um caminho é aberto para que o futuro tenha uma outra configuração. Por esse motivo, o interlocutor confia que o acesso ao conhecimento sobre mídia e tecnologia por pessoas pretas e periféricas nos aproxima de um futuro equilibrado e de outra cor. Yuri entende que a conexão é a contribuição que o aprendizado em mídia e

tecnologia oferece para a cidadania, mas problematiza o fato da internet não ter legislação ética para as redes e do atraso na digitalização de arquivos. Ele fala que não há domínio e por isso pode ser ruim para muitas pessoas.

O aprendizado em rede, para os participantes da pesquisa, está ligado a possibilidades e conexões que potencializam o conhecimento e difundem saberes, visando a coletividade. O GatoMÍDIA facilitou o aprendizado dos participantes por partir de uma realidade compartilhada, a realidade preta e favelada. A tecnologia e a sua relação ancestral foram destaques das entrevistas, os participantes apontaram ela como reforço para a apropriação. É muito importante ter propriedade e saber de onde viemos para a reconstrução do futuro, a ancestralidade faz parte do afrofuturismo e esse resgate é de extrema importância para pensar o agora e planejar o futuro. Ao serem questionados sobre a contribuição do aprendizado em mídia e tecnologia para o exercício da cidadania, Milan conclui que o Laboratório que participou estimula a conexão de diferentes formas de exercer a cidadania, ou seja, fomenta o aprendizado em Rede.

### **5.3 Percepção do posicionamento comunicacional do GatoMÍDIA**

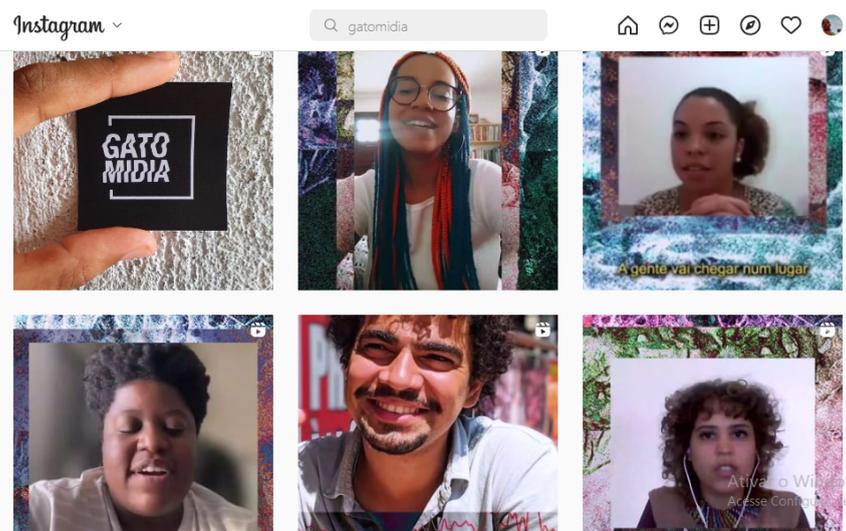
Adelaide percebe que o posicionamento do GatoMÍDIA é firme, que engloba e abraça todas as pessoas pretas da periferia, ela fala que eles buscam diversificar o seu o alcance com produções, sempre tentando chamar, chegar e levar/ transportar o conhecimento e difundir isso para as pessoas. A interlocutora destaca que as redes sociais são muito fortes no lugar de coletivo e que "Sem conhecimento, sem colaboração, sem unificação a gente não se aquilombola, a gente não cria uma comunidade, a gente não cresce porque a gente cresce junto". Ela vê que eles querem crescer junto, "pra gente subir, todo mundo tem que estar junto". A participante da pesquisa fala sobre não ser só sobre subir. Adelaide fala que o termo "subir" faz com que ela faça uma ligação com a questão de estar do lado dos brancos e não é isso que ela se refere, é sobre subir com as pessoas pretas periféricas, sobre apoio e coletividade.

Milan percebe que o GatoMÍDIA tem uma "comunicação bem jovem e adequada ao público que se trabalha", ela acompanha mais o *Instagram*. Ela descreve os posts como divertidos e diz que as legendas produzidas são boas. Para

concluir o pensamento ela argumenta que é uma “comunicação pensada estrategicamente para atingir o grupo de interesse que mais se relaciona com o GatoMÍDIA, que são os jovens”. O interlocutor Andaro também percebe o posicionamento comunicacional pautado na juventude, tanto o posicionamento visual quanto o discursivo e enfatiza que as produções são “voltadas para seduzir o jovem a querer aprender”. O participante da pesquisa também fala que entende que o empoderamento digital também é uma marca da atuação do GatoMÍDIA nas redes. Maria define a comunicação deles como inclusiva, utilizando os saberes populares para compor as produções.

Glorio inicia sua exposição falando que não costuma ficar muito nas redes sociais, mas repara, com as suas pesquisas, que as “relações criadas com o público fura bolhas [...] acessando vários espaços e cria uma rede potente”. Yuri fala que depois da pandemia sua relação com as redes sociais mudaram, agora ele utiliza mais para trabalho, ele cita o grupo no *WhatsApp* que o GatoMÍDIA criou com a turma do Laboratório Afrofuturismo e repara que eles mandam muita oportunidade de emprego para jovens serem inseridos no mercado de tecnologia. O participante expressa sua satisfação e desejo de que a Rede GatoMÍDIA continue alcançando a amplitude necessária para continuar impactando o Brasil.

Figura 1 - Captura de tela do *Instagram* do GatoMÍDIA



Fonte: Reprodução do *Instagram* do GatoMÍDIA

Como é possível visualizar através da Figura 1, as imagens que compõem as redes sociais do GatoMÍDIA são elaboradas por um design de fundo ilustrativo, os vídeos têm legendas e eles buscam sempre contemplar a diversidade de seus participantes. A figura destacada é de pessoas que colaboraram com seus ensinamentos no Laboratório Permanente Afro-ameríndio, em junho de 2022. As pessoas que ministraram as oficinas mandaram um vídeo se apresentando e contando sobre qual seria o tema dos ensinamentos compartilhados, as linguagens do Laboratório foram: Narrativas Visuais; Narrativas Imersivas e Narrativas Tecnológicas.

Os participantes da pesquisa apontaram sobre a comunicação do *Instagram* ser estratégica e de acordo com o público que se trabalha, os jovens. A Rede deixa bem explícito sobre a referência que guia sua produção de conhecimento tecnológico, eles partem da favela para construir a imagem comunicacional compartilhada em suas redes. Eles acreditam que podem usar da comunicação e das mídias digitais para potencializar soluções locais e reconstruir futuros (GatoMÍDIA, *Instagram*, 2021).

Com as respostas dos participantes da pesquisa sobre a percepção do posicionamento comunicacional, podemos concluir que a comunicação é feita para cativar os jovens para serem introduzidos nos estudos de comunicação nos ambientes digitais. A inclusão e pertencimento dos jovens negros das periferias são pontos importantes citados pelos participantes. A coletividade e diversificação das produções é pontuada por Adelaide, ela diz que isso é o aquilombamento, os saberes populares para compor as produções comunicacionais também foi citado como potência da Rede.

#### **5.4 Práticas comunicacionais do GatoMÍDIA**

Para analisar as práticas comunicacionais da Rede GatoMÍDIA o Jornalista e Coordenador Pedagógico João Araió colaborou para a observação da atuação comunicacional da Rede. A idealização do GatoMÍDIA foi proposta pela Thamyra, que também foi convidada a participar da pesquisa e escolheu direcionar o convite para João. Thamyra em 2012 / 2013, em um coletivo no Alemão, complexo de favela no Rio de Janeiro, propôs a ideia de fazer oficinas voltadas para jovens do território

que o coletivo ocupava, o Alemão. O interlocutor relata que: "O coletivo se reuniu por uma questão do território, ocupação do território. Na época as UPPs estavam tomando uma dimensão muito grande e a polícia militar estava modificando o cotidiano da favela" (João Araió, maio de 2022).

As ações comunicacionais do GatoMÍDIA eram ações de rua, com o intuito de questionar a militarização dentro da favela. Nesse cenário a Thamyra e o João sentiram a necessidade de promover oficinas, levando a linguagem da comunicação nos meios digitais, e foi assim que nasceu a linha de aprendizado para troca de conhecimento dos jovens, o GatoMÍDIA. O participante da pesquisa utiliza a frase "promover roda de aprendizado para jovens favelados" (João Araió, maio, 2022) para referenciar a facilitação que o GatoMÍDIA oferece. João menciona que no início o foco eram os jovens da favela do Alemão, mas com o tempo e com ajuda de parceiros eles conseguiram atingir outras favelas do Rio.

Os fundadores tinham em mente a importância de jovens negros de periferias se apropriarem de um celular, com consciência e criticidade, para ver o celular como um instrumento de produzir comunicação. Araió comunica a ideia que "cada jovem na favela é um comunicador em potencial". Ele aborda a questão de que "os moradores da favela são bombardeados por informações que vêm de fora e são produzidas pela mídia corporativa" (João Araió, maio de 2022). Ele fala sobre as notícias produzidas que falam da favela, que não tem nada parecido com a realidade da favela e coloca que nas oficinas sempre era pautado a importância da apropriação e produção das próprias informações e das próprias comunicações. O Coordenador pedagógico comenta sobre a narrativa da violência que o Estado realiza sobre a favela e destaca a aplicação da contra narrativa que sempre foi colocada na base das formações, dentro das oficinas e laboratórios dos primeiros anos do GatoMÍDIA.

Ao ser questionado sobre as produções das práticas comunicacionais, João expõe que o conceito da comunicação era utilizado como ponto de partida, mas logo em seguida a prática era introduzida para entender como as técnicas de informação, dentro de internet, são um instrumento de alcance grande, tanto de público quanto de território/espço. As formações oferecidas pelo GatoMÍDIA são nomeadas pelo interlocutor de ferramentas, as "oficinas de fotografia, criação de textos, criação de conteúdo para redes sociais e como usar as redes sociais eram apresentadas"

dando suporte para os jovens produzirem suas próprias comunicações. “Potencializador comunicacional dentro da favela” (João Araió, maio de 2022) foi a definição para descrever a ação das oficinas no território da favela.

O olhar sobre o potencial do objeto tecnológico, tanto físico quanto sobre os espaços virtuais, é apresentado para mostrar como os participantes das formações poderiam usar das ferramentas para trazer situações, debates e discussões que estão de acordo com o real cotidiano da favela, e assim, “produzir conteúdo informacional que pode se tornar uma alternativa às informações que vem de fora para dentro” (João Araió, maio de 2022). João fala sobre a apropriação orgânica, que atualmente os jovens da favela têm para utilização das ferramentas e espaços virtuais como um canal de fluxo de produção de informação de dentro para fora e de dentro para dentro.

O Coordenador Pedagógico expõe sobre a abordagem comunicacional utilizada pelo GatoMÍDIA para aproximar os jovens dos debates sobre mídia e Tecnologia, ele destaca que

sempre partiram de lugares horizontais, estando no mesmo lugar dos participantes das formações, que eram em sua maioria, de favela e de periferia. Na aproximação com os participantes, sempre era falado sobre a importância de ter uma identificação com o lugar de onde se é. Desde o início o potencial da favela, criativo, inovador e comunicador no centro, todas as ações partiram da favela para a favela (João Araió, maio de 2022).

Para exemplificar a prática da comunicação afrocentrada, o interlocutor trouxe a formação “Favelado 2.0”, que em 2016 “trouxe a ideia de colocar a essência do digital para o cotidiano do favelado”, durante as oficinas os participantes das formações se dirigiam para a rua e pegavam “a matéria prima pela favela, pegando os acontecimentos enquanto eles estavam acontecendo; as oficinas de fotografia, de vídeo, roteiro e criação de texto eram abastecidas pelas caminhadas na favela, durante a oficina” (João Araió, maio de 2022). O interlocutor evidencia que

a matéria prima que era utilizada nas oficinas, não passava pelo processo de mediação, pois partia da favela, o que se fazia presente eram as trocas de experiências e destaca que a metodologia do GatoMÍDIA de hoje foi colhida dos formatos de abordagem e aproximação (João Araió, maio de 2022).

No final da entrevista, o interlocutor foi convidado a destacar algo que não foi contemplado pelas perguntas semi estruturadas, ele apontou a evolução na metodologia do GatoMÍDIA. O participante da pesquisa ressalta que até 2017 o formato era de proximidade física e experiências presenciais, já no primeiro Laboratório Afrofuturista em 2018, foi introduzida a abordagem de conteúdos afrocentrados nas oficinas: “Conteúdos sobre a filosofia africana e o entendimento sobre o que é afrofuturismo foram trazidos para as trocas da formação” (João Araió, maio, 2022). Essa mudança foi expressada pelo coordenador pedagógico como um passo adiante do que já era feito. Outra mudança foi gerada pela pandemia de 2020. João relata:

Em 2019 foi feito o segundo laboratório afrofuturista e até então era realizado no morro do Alemão, e o processo seletivo já alcançava todas as favelas do rio e baixada fluminense. A metodologia incluía o estar junto com dinâmicas corporais de roda no início, meio e fim, para o reconhecimento através dos corpos. Com a Pandemia de 2020 o desafio foi muito grande e a organização dos encontros questionaram sobre desistir de fazer os laboratórios. No início de 2020, após muita conversa foi entendido que a metodologia precisaria ser reformulada. A adaptação foi feita e o GatoMÍDIA partiu do alcance que já tinha e passou a ter um alcance nacional, com inscrições nacionais (João Araió, maio de 2022).

Nesse sentido, o interlocutor conclui que a mudança metodológica gerada pela pandemia foi desafiadora, mas potencializou a reformulação e aumentou a capacidade de adaptação e tomada de decisão, pois com a mudança o GatoMÍDIA afeta jovens das periferias do Brasil inteiro. Antes da Pandemia de 2020, já estava nos planos a parceria com os coletivos periféricos em Salvador e São Paulo para fazer laboratórios, a Pandemia acelerou o tempo para o alcance que hoje a Rede atua.

Após ter compartilhado as falas positivas dos outros participantes da pesquisa, e expressar meu agradecimento a Rede GatoMÍDIA, João Araió responde que o encontro foi bom pra todo mundo e que se não fosse nós, os participantes das formações, eles, do GatoMÍDIA, estariam que nem a gente sem eles. A participação no Laboratório Comunicadores do Futuro salvou a minha graduação e salvou os meus anos de Pandemia, pensar no futuro com o olhar do afrofuturismo é motivacional e move muita coisa, move vidas.

O afrofuturismo foi introduzido no Laboratório de forma muito crítica e trazendo a possibilidade de novas definições. Nas primeiras aulas sobre o termo foi dito algo parecido com “não temos uma definição exata” e isso é extraordinário, abre espaço para reformulações constantes e redefinições que contemplam a realidade inserida. O apontamento sobre o termo ter sido formulado por um homem branco, também foi centro da discussão. Podemos sair da leitura da monografia com a visão de que o afrofuturismo é recriar o futuro com as pessoas negras no centro. O futuro se faz agora, ele é digital e tecnológico e por esse motivo é importante pautar criticamente as relações raciais nos ambientes digitais, criar caminhos para que jovens negros estejam vivos e ativos amanhã, é afrofuturismo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No ano de 2020, durante a Pandemia, foi iniciado o contato com a Rede GatoMÍDIA, no Laboratório Comunicadores do Futuro. A formação apresentou o termo afrofuturismo, que motivou o meu interesse em pesquisar o objeto de estudo. A Comunicação do GatoMÍDIA, sempre muito atraente, estimulou ainda mais a relevância em analisar as ações comunicacionais. Na época, a ideia inicial era trabalhar a monografia com o tema educomunicação, mas os encontros falando sobre tecnologias imersivas e afrofuturismo brilharam meus olhos. Nunca me imaginei falando, pensando e atuando com tecnologia de forma profissional, nunca tinha visto ou ouvido falar que lugar de preto é também na tecnologia e o Laboratório, com a sua riqueza de trocas de experiências, me fez acreditar que não só é possível como é revolucionário.

A pesquisa com a Rede GatoMÍDIA, como objeto de estudo, iniciou de modo informal, com a observação participante no período de duração do Laboratório, no ano de 2020. Já a etnografia e a observação nas redes sociais aconteceu de maio a novembro de 2021. Por questões pessoais, os resultados da pesquisa atrasaram, mas as entrevistas seguiram até junho de 2022, o que possibilitou a participação de jovens de todas as regiões do Brasil. A presente pesquisa buscou compreender quais são as práticas comunicacionais utilizadas pelo GatoMÍDIA para o aprendizado em mídia e tecnologia de jovens negros e negras das periferias brasileiras.

As entrevistas possibilitaram captar as práticas comunicacionais da Rede, que consistem na troca de experiências e partem da favela, para a favela e com a favela. As comunicações do GatoMÍDIA são projetadas para aproximar a realidade periférica do assunto técnico. Com isso o objetivo de “a) Identificar e caracterizar as práticas comunicacionais e as narrativas empreendidas pelo projeto GatoMÍDIA”, foi alcançado. Os participantes das formações do GatoMÍDIA colaboraram para o segundo e terceiro objetivo ser respondido: “b) Analisar quais contribuições o projeto GatoMÍDIA oferece para a educação para as mídias, no âmbito do aprendizado em rede”; e “c) Refletir sobre a importância do aprendizado em mídia e tecnologia para jovens negros e negras das periferias brasileiras exercerem a cidadania”.

As discussões teóricas sobre tecnologia, raça e os estudos sobre uma outra internet, deram suporte para as colocações dos interlocutores, concluindo que o debate é essencial para pensar uma sociedade democrática. A análise demonstra a importância que o aprendizado em mídia e tecnologia tem na vida de jovens pretos de periferias e como ela pode transformar visões e colaborar com a manutenção da cidadania. As práticas comunicacionais da Rede foram destaque das entrevistas, todos os participantes falaram sobre a abordagem afrocentrada do GatoMÍDIA e como isso transforma o contato com o assunto técnico.

Para a área da Comunicação o tema da pesquisa é importante, pois assim como a tecnologia, a comunicação não aborda questões raciais como estruturantes dos produtos comunicacionais e aqui tivemos vozes de todo o Brasil sinalizando que ela faz toda a diferença, tanto no produto final como também na forma como é pensada e informada.

Como lacuna do trabalho, cito que o aprofundamento a respeito dos estudos sobre aprendizado em rede e cidadania podem ser explorados em trabalhos futuros. O termo afrofuturismo e o conceito de afrocentricidade também podem gerar ótimos diálogos com a pesquisa, no sentido de colocar ambos como suporte para pensar uma outra tecnologia, uma tecnologia possível para pretos da favela.

## REFERÊNCIAS

ALLEN, Brenda J. **Theorizing communication and race**. Communication Monographs, v. 74, n. 2, p. 259-264, 2007.

AFONSO Nathália. **Dia da Consciência Negra: números expõem desigualdade racial no Brasil**. Agência Lupa, 2019. Disponível em: <[https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/11/20/consciencia-negra-numeros-brasil/?fbclid=IwAR3JQ0EHfBWfvlcDz\\_rNnRWN4yPNwH6A7uv4KpXlrJExrRKBDHEyTTd9rws](https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/11/20/consciencia-negra-numeros-brasil/?fbclid=IwAR3JQ0EHfBWfvlcDz_rNnRWN4yPNwH6A7uv4KpXlrJExrRKBDHEyTTd9rws)> Acesso em 05 de ago de 2021.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Coleção Feminismos Plurais, 2018.

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural**. São Paulo: Coleção Feminismos Plurais, 2019.

BENJAMIN, Ruha. **RACE AFTER TECHNOLOGY: Abolitionist Tools for the New Jim Code**. 2019.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Coleção Feminismos Plurais, 2019.

CASTELLS, Manuel. **Creatividad, innovación y cultura digital**. Un mapa de sus interacciones. Revista Telos. Octubre-Diciembre 2008. Disponível em: <<http://www.oei.es/historico/cienciayuniversidad/spip.php?article21>>.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Teoria Racial Crítica e Letramento Racial Crítico: narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de Línguas**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), v. 6, n. 14, p. 236-263, 2014.

GALLON, Kim. **Making a case for the Black digital humanities**. Debates in the Digital Humanities, p. 42-49, 2016.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

HINE, Christine. **Ethnography for the internet: Embedded, Embodied and Everyday**. London: Bloomsbury Academic, 2015.

INSTAGRAM. **GatoMÍDIA**. 2021. Disponível em:  
<<https://www.instagram.com/gatomidia/?hl=pt-bre>> Acesso em: 15 de maio de 2021.

LIMA, C. Dulcilei; OLIVEIRA, Taís. **Negras in tech: apropriação de tecnologias por mulheres negras como estratégias de resistência**. DOSSIÊ TECNOPOLÍTICAS DE GÊNERO, 2020, Disponível em:  
<<https://doi.org/10.1590/18094449202000590006> > Acesso em 18 de jul de 2021.

LISBOA, Paula. Ana; OLIVEIRA. Isabela; SOUZA. Talita. **Pretos no topo: índice mostra que negros são minoria em cargos de chefia**. EU ESTUDANTE. 2021. Disponível em:  
<<https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/trabalho-e-formacao/2021/04/4918952-pretos-no-topo-indice-mostra-que-negros-sao-minoria-em-cargos-de-chefia.html>>. Acesso em 05 de ago de 2021.

Macedo Santana, A., Barbosa Goís, L., Fontes Mota, M., & Lima Ferreira, C. (2020). **A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA EDUCAÇÃO**: análise a partir da perspectiva do ensino-aprendizagem no mundo ciber. *EDUCAÇÃO*, 10(2), 140–153. Disponível em:  
< <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v10n2p140-153>> Acesso em: 18 de jul de 2021.

Malachias, R. (2017). Comunicação, Educação e Arte - Interfaces para o enfrentamento do racismo. **Revista Crioula**, 1(19), 17-36. Disponível em:  
<<https://doi.org/10.11606/issn.1981-7169.crioula.2017.133967>> Acesso em: 15 de jul de 2021.

MARANHÃO, Carlos. A. C. **Quitungo, mídia e cidadania: a política de mídia e educação da prefeitura do Rio de Janeiro em uma perspectiva discursiva e comunitária**. 2007. Disponível em:  
<<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-31052007-142046/publico/DissertacaoCarlosAndreMaranhao.pdf>>. Acesso em: 18 de jul de 2021.

NATANSOHN, Graciela. **Para uma internet feminista, descolonizar internet é urgente**. In: *Feminismo descoloniais e outros escritos*. Org. GONÇALVES, Christiane Ribeiro Gonçalves; ROCHA, Marcos Antonio Monte. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019.

NEVES, Natã. **Complexo é ter identidade : A experiência do Gato Mídia no Favelado 2.0**. 2017.

**O futuro da tecnologia do Brasil em mãos de mulheres negras**. PretaLab. Disponível em: <[https://www.pretalab.com/dados#/> >. Acesso em: 04 de ago de 2021.](https://www.pretalab.com/dados#/)

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011.

**Por um futuro em que caibam todos.** Olabi. Disponível em: <<https://www.olabi.org.br/>>. Acesso em: 05 de ago de 2021.

Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Estatuto da Igualdade Racial.** 2003. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm)> Acesso em 05 de ago de 2021.

RAUL, J. M. **Entre silêncios e protestos: uma reflexão sobre escrita preta no ciberespaço.** 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/redoc.2019.44955>>. Acesso em: 18 de jul de 2021.

RODRIGUES, Assis. Igor; CAVALCANTE, Roberto. João; FAERSTEIN. **Pandemia de Covid-19 e a saúde dos refugiados no Brasil.** 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/physis/a/KJshrr5QR8hXFFRqhy6Qv3g/?lang=pt&format=html>> Acesso em 06 de ago de 2021.

SILVA, Tarcízio. **Teoria Racial Crítica e Comunicação Digital: conexões contra a dupla opacidade.** Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, Belém, 2019. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/334615223\\_Teoria\\_Racial\\_Critica\\_e\\_Comunicacao\\_Digital\\_conexoes\\_contra\\_a\\_dupla\\_opacidade](https://www.researchgate.net/publication/334615223_Teoria_Racial_Critica_e_Comunicacao_Digital_conexoes_contra_a_dupla_opacidade)> Acesso em: 10 de jun de 2021.

SITE. **GatoMÍDIA.** Disponível em: <<https://gatomidia.com/>> Acesso em: 15 de maio de 2021.

SOARES, I.O. **Uma Educomunicação para Cidadania.** [sem ano]. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/6.pdf>>. Acesso em: 01 de ago de 2021.  
THOUGHTWORKS. Disponível em: <<https://www.thoughtworks.com/pt-br>> Acesso em: 05 de ago de 2021.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação.** São Paulo: Atlas, 2011.

TWITTER. **GatoMÍDIA.** 2020. Disponível em: <[https://twitter.com/Gato\\_MIDIA](https://twitter.com/Gato_MIDIA)> Acesso em: 04 de jun de 2021.

PAES. Bárbara **Coisas que aprendemos com o livro Race After Technology, da Ruha Benjamin.** Disponível em: <<https://minasprogramam.com/race-after-technology/>> Acesso em 4 de janeiro de 2023.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - ROTEIRO ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE I

#### ROTEIRO PARA OS PARTICIPANTES DO PROJETO

Duração da entrevista:

Gênero, Orientação sexual e seus pronomes

1. Nome:
2. Idade:
3. Estado/Cidade/Região/Bairro:
4. Qual o seu bairro, qual a sua relação com o seu bairro?
5. Ocupação:
6. Como foi sua educação?
7. Você mora com quem? Tem filhos?
8. O que é tecnologia para você?
9. Quando começou a ter contato com mídia e tecnologia?
10. Como você conheceu o GatoMÍDIA?
11. Como era a sua relação com as mídias e a tecnologia antes de conhecer o GatoMÍDIA? O que aprendizado em rede te remete?
12. O que você aprendeu com o GatoMÍDIA sobre mídia e tecnologia?
13. Qual foi a contribuição do GatoMÍDIA na sua vida?
14. O que facilitou o seu aprendizado em mídia e tecnologia, a partir dos estudos?
15. O que o aprendizado em mídia e tecnologia contribui para o exercício da cidadania, na sua visão?
16. Como você percebe o posicionamento e a comunicação do GatoMÍDIA nas redes sociais?
17. A participação no projeto gerou algum produto?
18. Como você vê o futuro? E como a mídia e tecnologia estão nesse futuro? O GatoMÍDIA tem algo a ver com isso?
19. Você gostaria de comentar alguma coisa que não foi dito?

## APÊNDICE B - ROTEIRO PARA ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE II

### ROTEIRO PARA EQUIPE DO GATOMÍDIA

Duração da entrevista:

1. Nome:
2. Idade:
3. Estado/Cidade/Região:
4. Ocupação:
5. Pedir permissão para usar o nome
6. Quais práticas de comunicação o GatoMÍDIA utiliza?
7. Como são produzidas essas práticas?
8. Como a comunicação do GatoMÍDIA colabora para o aprendizado em mídia e tecnologia de jovens negros e negras das periferias brasileiras?
9. Qual a comunicação utilizada pelo GatoMÍDIA para aproximar os jovens dos debates sobre mídia e Tecnologia?